



Maxsuel Roberto de Andrade

**Uso e apropriação do espaço
residual urbano: O caso do Parquinho Verde Realengo**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Fernando Espósito Galarce

Rio de Janeiro
Outubro de 2024



Maxsuel Roberto de Andrade

**Uso e apropriação do espaço
residual urbano: O caso do Parquinho Verde Realengo**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio.

Prof. Fernando Espósito Galarce

Orientador

Departamento de Arquitetura e Urbanismo – PUC-Rio

Prof.^a Maíra Machado Martins

Departamento de Arquitetura e Urbanismo – PUC-Rio

Prof.^a Tatiana Terry

Departamento de Arquitetura e Urbanismo – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 04 de outubro de 2024.

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial do trabalho, é proibida sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Maxsuel Roberto de Andrade

Graduou-se em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro em 2021. Em 2020 atuou como Estagiário na Prefeitura Municipal de Mesquita - RJ. No final de 2020 atuou como Projetista de Iluminação na Empresa Ambient Luz.

Ficha Catalográfica

Andrade, Maxsuel Roberto

Uso e apropriação do espaço residual urbano: o caso do Parquinho Verde Realengo- RJ / Maxsuel Roberto de Andrade; orientador: Fernando Espósito Galarce – 2024.

80 f.: il. color.; 29,7 cm.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 2024.

Inclui bibliografia

1. Arquitetura e Urbanismo – Teses. 2. Uso e Apropriação do Espaço Urbano. 3. Espaço urbano. 4. Realengo - RJ. I. Galarce, Fernando Espósito. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

CDD: 720

Dedicatória

Para meus pais, Valéria e Paulo, pelo apoio. Aos meus amigos,
Angello, Evellin, Tamires e João pelo apoio em momentos de
dificuldades.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

A elaboração do presente trabalho de dissertação não se deve somente ao esforço e empenho individual e custoso do autor, mas sim a um esforço conjunto entre familiares, amigos e professores que contribuíram substancialmente para que este trabalho fosse finalizado.

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me conduzido ao longo dessa trajetória. Mesmo com todas as dificuldades e obstáculos da vida, sua força me manteve forte.

Agradeço imensamente à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, esta instituição maravilhosa da qual tenho enorme prazer e orgulho de ter feito parte como mestrando. Sem seu programa de auxílio e apoio em diversas esferas, inclusive pessoal, esta dissertação não poderia ter sido realizada.

Agradeço ao professor Fernando Espósito pelo carinho em me impulsionar profissional e intelectualmente. Pelo seu apoio e disponibilidade para revisar os meus trabalhos. Pelas suas aulas e conversas, quase que particulares, que me proporcionaram um leque de novas ferramentas para a realização dessa pesquisa e me ajudaram a melhorar pessoalmente.

Agradeço aos meus amigos que fiz na Vila na PUC-Rio, Henrique, Igor, Hanna, Navegantes. E aos amigos do PPGArq, Ana, Anastasia, Bernardo, Bruna, Caio, Lorrán, Marcos e Felipe, pelas trocas que fizemos. Vocês tornaram fantástica a minha jornada e a mais leve.

Por fim, agradeço aos professores que participaram dessa minha jornada no Mestrado. Agradeço imensamente a todos os professores e funcionários do Departamento de Arquitetura e Urbanismo desta Universidade, pelos ensinamentos e pela ajuda.

RESÍDUO

“[...] Mas de tudo fica um pouco.
Da ponte bombardeada,
de duas folhas de grama,
do maço
— vazio —de cigarros, ficou um pouco.

Pois de tudo fica um pouco.
Fica um pouco de teu queixo no queixo
de tua filha.

De teu áspero silêncio
um pouco ficou, um pouco
nos muros zangados,
nas folhas, mudas, que sobem.

Ficou um pouco de tudo
no pires de porcelana,
dragão partido, flor branca,
ficou um pouco
de ruga na vossa testa,
retrato. [...]”

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Roberto de Andrade, Maxsuel; Espósito Galarce, Fernando. **Uso e Apropriação no Espaço Residual Urbano: O Caso do Parquinho Verde Realengo**. Rio de Janeiro, 2024. 80p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa aborda o uso e apropriação dos espaços residuais urbanos, que em muitos casos, são considerados áreas abandonadas, precarizadas e com uma deficiente atenção do poder público. Observar as tensões socioespaciais relacionadas ao espaço residual possibilita uma visualização dos processos de luta que envolvem o uso e apropriação desses espaços da cidade. O objeto de estudo da pesquisa é o fenômeno da residualidade espacial, as relações dos usuários dos espaços residuais e as formas de apropriações desses espaços. Como estudo de caso é analisado o espaço residual gerado pelo vazio urbano da antiga Fábrica de Cartuchos, no bairro de Realengo, e o local adjacente denominado Parquinho Verde Realengo, espaço no qual surgiram usos e apropriações não programados por parte da população. O objetivo geral é discutir o fenômeno do uso, apropriação e valorização do espaço residual urbano, especialmente em territórios de maior vulnerabilidade social, e mais especificamente, observar estas dinâmicas na população que frequenta e usufrui do Parquinho Verde Realengo. Os conceitos de uso e apropriação do espaço, lugar e pertencimento, surgem como balizadores da pesquisa. Metodologicamente, a pesquisa é desenvolvida a partir de discussão bibliográfica, trabalho de campo, com observações comparativas realizadas entre os anos 2022 e 2024, durante a ocupação do Parquinho Verde Realengo e à implementação (iniciada em setembro de 2022) do Parque Realengo Susana Napolini, inaugurado em 15 de junho de 2024, assim como a aplicação de entrevistas com os moradores e colaboradores do Parquinho Verde Realengo.

Palavras-chave: Apropriação espacial; espaço residual; desigualdade socioespacial; pertencimento.

ABSTRACT

Roberto de Andrade, Maxsuel; Espósito Galarce, Fernando (Advisor). **Use and Appropriation in Urban Waste Space: The Case of Parquinho Verde Realengo**. Rio de Janeiro, 2024. 80p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research addresses the use and appropriation of urban residual spaces, which in many cases are considered abandoned, precarious areas with poor attention from public authorities. Observing the socio-spatial tensions related to residual space makes it possible to visualize the processes of struggle that involve the use and appropriation of these spaces in the city. The research object of study is the characteristic of spatial residuality, the relationships between users of residual spaces and the forms of appropriation of these spaces. As a case study, the residual space generated by the urban void of the old Fábrica de Cartuchos, in the Realengo neighborhood, and the adjacent place called Parquinho Verde Realengo, a space in which unscheduled uses and appropriations by the population emerged, are analyzed. The general objective is to discuss the characteristics of the use, appropriation and valorization of urban residual space, especially in territories of greater social vulnerability, and more specifically, to observe these dynamics in the population that frequents and enjoys Parquinho Verde Realengo. The concepts of use and appropriation of space, place and belonging emerge as guides for research. Methodologically, the research is developed based on bibliographical discussion, fieldwork, with comparative observations carried out between the years 2022 and 2024, during the occupation of Parquinho and the implementation (started in September 2022) of the urban park (Parque Realengo Susana Napolini), currently in the construction phase, as well as conducting interviews and questionnaires with residents and employees of Parquinho Verde Realengo.

Keywords: Spatial appropriation; residual space; socio-spatial inequality; belonging.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	13
2. ESPAÇOS LIVRES, ESPAÇOS RESIDUAIS E VAZIOS URBANOS	27
2.1. ESPAÇOS LIVRES	27
2.2. ESPAÇOS RESIDUAIS	28
2.3. VAZIOS URBANOS	30
3. BAIRRO DE REALENGO NA ZONA OESTE/RJ	33
4. ANÁLISES DOS VAZIOS URBANOS E ESPAÇOS RESIDUAIS DE REALENGO	47
5. RESULTADOS	63
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização do bairro de Realengo no mapa do município do Rio de Janeiro	16
Figura 2 - Bairro de Realengo – Zona Oeste - Rio de Janeiro	17
Figura 3 - Mapa da população de Realengo e adjacências.	18
Figura 4 - Escola Militar de Realengo, 1913.	19
Figura 5 - Estação Ferroviária de Realengo, 1913.	19
Figura 6 - 9º Pelotão de Polícia do Exército	20
Figura 7 - Antiga Fábrica de Cartuchos	21
Figura 8 - Viaduto de Realengo.	23
Figura 9 - Cinema – Viaduto de Realengo, RJ.	24
Figura 10 - Roda Cultural – Viaduto de Realengo, RJ.	24
Figura 11 - Parquinho Verde Realengo (em verde), Antiga Fábrica de Cartuchos (em amarelo) e entorno.	32
Figura 12 - Parquinho Verde Realengo (em verde), antiga Fábrica de Cartuchos (em amarelo) e entorno.	33
Figura 13 - Escola Militar de Realengo, 1859	34
Figura 14 - Estação Ferroviária, 1878, Realengo/RJ	34
Figura 15 - Faixa celebra a visita do presidente Eurico Gaspar Dutra ao Conjunto do IAPI no Realengo em outubro de 1948.	35
Figura 16 - Espaços livres, Realengo, Rio de Janeiro.	36
Figura 17 - Mapa topográfico, maciços da Pedra Branca e do Gericinó, Realengo – RJ.	37
Figura 18 - Gráfico de precipitação.	38
Figura 19 - Mapa de espaços livres e verticalização da cidade do Rio de Janeiro.	39
Figura 20 - Fábrica de Cartuchos de Realengo, 1917.	40
Figura 21 - Integrantes do Grupo Lata doida e moradores.	41
Figura 22 - Palestra de conscientização ambiental.	42
Figura 23 - Convite Mutirão de Limpeza	43
Figura 24 - Mobilização e coleta de assinaturas para abaixo assinado.	43
Figura 25 - Vista de alguns comércios presentes no entorno da Fábrica de Cartuchos.	46
Figura 26 - Equipamentos na área da Antiga Fábrica de Cartuchos (em amarelo), Parquinho Verde Realengo (em vermelho) e entorno imediato.	47
Figura 27 - Área da Antiga Fábrica de Cartuchos abandonada.	49
Figura 28 - Praça do Canhão (pista de atletismo e campo de futebol)	50
Figura 29 - Antiga Fábrica de Cartuchos Realengo.	51
Figura 30 - Praça do Canhão (Área do batalhão do Exército) – Realengo, RJ.	52
Figura 31 - Praça de Realengo, Realengo – Zona Oeste, RJ.	52
Figura 32 - Espaço Cultural Viaduto de Realengo	54
Figura 33 - Mapa de uso e apropriação do espaço residual e Parquinho Verde.	55
Figura 34 - Mobilização no espaço residual ao lado da fábrica de cartuchos (futuro Parquinho Verde).	56

Figura 35 - Proposta do Ponto de Cultura Lata Doida enviado a Casa Fluminense.	58
Figura 36 - Demolição de construções irregulares para início das obras do Parque Realengo Susana Napolini.	59
Figura 37 - Inauguração do Parque Realengo Susana Napolini.	60
Figura 38 - Sistemas de Espaços Livres: Município do Rio de Janeiro.	64
Figura 39 - Elementos da apropriação no espaço residual do Parquinho Verde e suas escalas.	68
Figura 40 - Vista aérea do Parque Realengo.	70
Figura 41 - Espaço adjacente (Posteriormente chamando de Parquinho Verde Realengo) a Antiga Fábrica de Cartuchos	70
Figura 42 - Início da ocupação artístico-cultural Parquinho Verde, 2019.	71
Figura 43 - Alteração após a ocupação do espaço residual do Parquinho Verde.	71
Figura 44 - Vista das atividades de lazer no Parque Realengo Suzana Napolini.	73
Figura 45 - Área de churrasqueiras e confraternização do parque.	74
Figura 46 - Vista das torres do Parque Realengo Suzana Napolini.	74

LISTA DE TABELAS:

Tabela 1 - Tabela de Espaços Livres – Realengo, Rio de janeiro	65
Tabela 2 - Tabela de Espaços Livres Rio de janeiro	65

1.INTRODUÇÃO

A presente pesquisa indaga sobre a apropriação da população dos espaços residuais e em situação de vacância no espaço público, a fim de identificar os componentes socioespaciais desse fenômeno e as potencialidades desses espaços urbanos.

Segundo Sampaio (2015) “Entendemos espaços residuais como elementos excluídos do processo de projeto e de planejamento, ou seja, da “representação do espaço”, que, sendo materializados na cidade, podem ser absorvidos ou não pela dinâmica urbana” (Sampaio, 2015, p.1). É possível concordar com o autor, uma vez que os espaços residuais podem ser apropriados de diferentes maneiras, como por exemplo por meio de práticas sociais e culturais e dessa maneira contribuir para a representação e identificação dos usuários com o local.

O processo de uso e apropriação do espaço residual nas cidades, é muitas vezes impulsionado por uma série de interações sociais e políticas. A transformação desses espaços geralmente acontece através de uma combinação de fatores, como por exemplo, por meio do reconhecimento das necessidades específicas da comunidade, lutas por recursos e direitos e a construção de acordos e convenções sociais. Desse modo, ao identificar necessidades específicas, os membros da comunidade podem iniciar um processo de negociação para encontrar soluções que atendam a essas necessidades. Isso pode envolver diferentes partes interessadas, como moradores locais, organizações da sociedade civil, autoridades governamentais e até mesmo empresas privadas, o que pode propiciar a transformação do espaço residual nas cidades.

Nessa perspectiva, é importante atentar-se que as cidades estão em constante processo de transformação, e isso engloba também os espaços residuais, que muitas das vezes são negligenciados e vistos como locais que devem ser evitados e sofríveis. Essas mudanças nos espaços envolvem diversos agentes, dentre eles o poder público, o privado e os cidadãos, o que possibilita a modificação dos espaços residuais. Para Souza (2020) “A cidade pode ser reescrita e transformada desde um local de dor e sofrimento a um lugar de liberdade e esperança” (Arango, 2011 apud Souza, 2020, p.1). É evidente que a partir dessas mudanças tem-se a esperança de novos locais com maior qualidade de vida para as cidades, especialmente em áreas de elevada vulnerabilidade social.

Apesar de em alguns casos o poder público não ajudar na transformação desses espaços residuais, é percebido que também em muitos casos é a participação da população, por meio da apropriação e ressignificação desses locais, e, conseqüentemente, da mudança deles, que estes espaços são reconfigurados. Essas situações acabam por contribuir para que esses locais acabem se tornando pontos de encontro e lazer da população, estimulando para a sensação de pertencimento.

Assim, torna-se oportuno trazer ao cerne do debate as diversas formas de apropriação e uso do espaço residual. Trata-se de um entendimento dos espaços residuais que tem como **objetivo** compreender a viabilização de novas dinâmicas de ocupação e apropriação de espaços urbanos abandonados ou subutilizados, enfatizando a potencialização de atividades de lazer e conscientização ambiental.

O acelerado crescimento das cidades e do sistema urbano no Brasil trouxe consigo uma série de problemas socioambientais, justamente, por não ter sido acompanhado de políticas públicas tanto de provimento de infraestrutura adequada, quanto de ordenamento no uso e ocupação das novas áreas ocupadas. Problemas relacionados à falta saneamento, ao tráfego, ineficiência do transporte público, a grandes densidades, escassez de áreas verdes e de lazer, entre outros, são corriqueiros em grande parte das cidades brasileiras, comprometendo sobremaneira a qualidade de vida daqueles que nelas habitam.

Esse rápido crescimento populacional, por vezes desenfreado, trouxe também a supressão de espaços livres públicos, afetando a disponibilidade e qualidade de lazer nas cidades. É nesse contexto, que se torna importante ressaltar o conceito de espaço livre, fundamental no desenvolvimento e interesse deste trabalho, uma vez que tal aspecto também pode englobar os espaços residuais.

Macedo (1995), “Podemos, de um certo modo preciso, definir espaços livres como todos aqueles não contidos entre as paredes e tetos dos edifícios construídos pela sociedade para sua moradia e trabalho”. Ainda segundo Macedo (1995) “No contexto urbano tem-se como espaços livres todas as ruas, praças, largos, pátios, quintais, parques, jardins, terrenos baldios, corredores externos, vilas, vielas e outros mais por onde as pessoas fluem no seu dia-a-dia em direção ao trabalho, ao lazer ou à moradia ou ainda exercem atividades específicas tanto de trabalho, como de lavar roupas (no quintal ou no pátio), consertar carros, etc., como de lazer (na praça, no play-ground, etc.)” (Macedo, 1995, p.15). Desse modo, percebe-se que os espaços livres, que nos termos de Macedo, de natureza pública, por se considerar que esses lugares podem ser espaços livres públicos edificadas ou não, tem dinâmicas diversificadas e podem contribuir para melhoria da qualidade de vida de nossas cidades, em termos sociais, ambientais e também econômicos. Esses espaços, que também por ser lidos como espaços residuais, visto que abrangem locais públicos resultados de uma sobra de terrenos, lotes, etc., realmente têm um potencial significativo para se transformarem em locais multifuncionais que beneficiam a sociedade de várias maneiras.

Os espaços residuais em muitas ocasiões são vistos como locais que podem ser ocupados devido à pouca oferta de locais com infraestrutura adequada para prática de atividades de lazer, cultura, entre outros. Esses locais são apropriados de diversas formas, cumprindo desse modo sua função social e mostrando a relação que os cidadãos têm com esses espaços, criando uma sensação de pertencimento.

A designação dos espaços residuais é crucial para entender a dinâmica e a significância desses espaços na cidade. Os termos “espaços residuais”, “espaços vazios” e “abandonados” muitas vezes são usados de forma intercambiável, mas têm nuances distintas que podem informar sobre o contexto em que são aplicados. Além disso, o conceito de espaço residual muitas vezes é mais amplo do que apenas um espaço vazio ou abandonado. Alguns são áreas que foram deixadas de lado ou negligenciadas pelo desenvolvimento urbano, mas que ainda possuem valor cultural, histórico ou ecológico. Além disso, esses espaços podem ser percebidos como locais de transição ou limítrofes entre áreas menos valorizadas e outras mais consolidadas da cidade. Nesse contexto, o termo *terrain vague*, conceito cunhado por Ignasi de Solà-Morales, pode ajudar para designar alguns desses espaços limítrofes que são vistos como lugares obsoletos e nos quais apenas certos valores residuais parecem se manter mesmo estando à margem das atividades mais consolidadas da vida urbana. “São, em definitiva, lugares externos, estranhos, que ficam fora dos circuitos, das estruturas produtivas” (Solà-Morales, 2002, on-line apud Santana, 2017, p.14).

Nesse sentido é possível notar que há uma confluência entre os termos *terrain vague* e espaço residual. Para Sampaio (2013) “Espaços residuais são *terrain vague*, entretanto não são, rigorosamente, estranhos, uma vez que são locais assimilados pela cidade e pelos usuários desta. Estão inseridos em determinado contexto urbano, ainda que muitos estejam excluídos da dinâmica da cidade, posto que não são apropriados ou utilizados” (Sampaio, 2013, p.16).

A esse respeito, como ponto de partida para o estudo dos processos de apropriação e pertencimento dos espaços residuais, tem-se a leitura de *Espacios Residuales entre la arquitectura y la infraestructura: El teleférico del Complejo do Alemão*, de Fernando Espósito (2020), a qual contribuiu na compreensão da pesquisa, uma vez que ressalta a importância da apropriação do residual e a relação afetiva dos cidadãos com o mesmo.

Conforme Souza (2020) “Os espaços residuais são inerentes ao momento atual e são formados por transformações espaciais ou por transformações nas formas da

sociedade visualizar e interagir com eles” (Souza, 2020, p.40). Percebe-se, desse modo, que os espaços residuais além de desempenhar um papel fundamental na transformação do território, são elementos ativos na relação das pessoas com o espaço, alterando o modo de interação dos indivíduos com o espaço residual.

Ainda nesse contexto, os espaços residuais podem ser definidos da seguinte maneira: “São espaços que não se adaptam a usos funcionais ao mesmo tempo em que não são adequados à concentração comercial ou de serviços ou outras formas de consumo espacial.” (Rennó, 2007, p.65). A autora destaca um paradoxo dos espaços residuais, em que esses espaços correspondem, em muitos casos, a um entrave entre os usos funcionais e sua visibilidade no tecido urbano.

Para Santana (2017) “é explícito que o espaço residual está sempre relacionado a um outro espaço, um protagonista, a partir do qual o resíduo constitui um mero elemento espacial resultante de sua edificação” (Santana, 2017, p.15). Consiste, pois, em um espaço subjugado, cuja existência pode remeter a um projeto arquitetônico ou urbanístico mal dimensionado, que muitas vezes negligencia a complexidade e a imprevisibilidade inerentes às dinâmicas sociais, culturais e econômicas que moldam as cidades. A transformação dos espaços residuais em avenidas, parques, praças ou áreas comerciais acessíveis pode não só melhorar a estética e a funcionalidade do ambiente urbano, mas também, promover o bem-estar físico e mental dos moradores locais.

Santana (2017) destaca que esses espaços residuais podem ser percebidos da seguinte maneira: “O espaço residual carregaria consigo, portanto, lapsos da abordagem do planejamento urbanístico, detentor de uma pretensa racionalidade que busca possuir um total controle das definições do espaço, mas que é historicamente falha, não só pela presença da condição espacial não prevista, mas também pela discrepância em relação à receptividade do público” (Santana, 2017, p.19).

Dessa forma, o estudo busca ir além da simples identificação de espaços residuais na cidade, sugerindo que esses espaços não são apenas áreas não oficialmente reconhecidas, mas também locais que já são habitados e utilizados de maneira informal. Além disso, o estudo procura argumentar que esses espaços não apenas existem, mas também são reconfigurados e reorganizados pelas pessoas que os ocupam. Isso implica em uma visão mais dinâmica e complexa da relação entre os espaços urbanos e seus habitantes, reconhecendo a agência e a influência ativa das comunidades na formação e transformação do ambiente urbano.

O **objeto de estudo** desta pesquisa é o fenômeno da residualidade espacial, as relações dos usuários com os espaços residuais e suas formas de apropriação.

Nesse sentido, é importante ressaltar que os espaços residuais são locais de suma importância para a dinâmicas sociais, além de serem elementos estruturantes do território, sobretudo num contexto de crescimento e urbanização cada vez mais acelerados das cidades. Nessa perspectiva, cabe salientar ainda que os espaços residuais podem propiciar diversos usos e apropriações que, quando adequados e atrativos, tornam-se determinantes para a realização de práticas esportivas e lazer, entre outros, muito necessárias em zonas de elevada vulnerabilidade socioespacial.

O fenômeno da residualidade é de grande relevância e mostra que os espaços residuais são locais potencialmente capazes de gerar diversos benefícios para a melhoria do ambiente urbano, especialmente no que se refere aos aspectos de sociabilidade, ao possibilitar, por exemplo, atividades de lazer e contemplação, assim como melhoras em termos ambientais, culturais e sociais.

Cabe ainda ressaltar que os espaços residuais são palco de tensões sociais e lutas, uma vez que se apresentam muitas das vezes como territórios de disputa entre diversos grupos da sociedade que se enfrentam na tentativa de impor seus diversos modos de ocupação. Pressupõe-se que a partir das ocupações nesses espaços e o estabelecimento de determinados grupos organizados, há um maior interesse pelos espaços residuais e concomitante a isso a intensificação das lutas por esse local. Em alguns casos, os usuários dos espaços residuais, que estão há muito tempo no local, ocupando-o, são removidos por outros grupos, por vezes de forma violenta. Entretanto,

grupos locais e moradores que contribuem para a manutenção desses espaços se articulam e resistem, mantendo a ocupação, pois possuem um vínculo com àqueles locais, lutando corriqueiramente com um outro agente que é o capital especulativo. Se, por um lado, a pressão e a resistência popular visam a melhoria para que o espaço venha ter mais infraestrutura, por outro lado existe também o capital especulativo que são atraídas por esses espaços residuais, gerando um aumento de tensões e disputas.

Desta forma, a pesquisa tem como **objetivo geral discutir** e entender o fenômeno do uso, apropriação e valorização do espaço residual urbano.

Como **objetivos específicos**, (1) analisar a relação da articulação entre o espaço residual, a cidade e os usuários que com ele e nele se relacionam; (2) compreender as tensões sociais entre os cidadãos e a gestão coletiva dos espaços residuais, inerentes ao movimento de uso e apropriação do espaço público, mais especificamente no Parquinho Verde Realengo e a Antiga Fábrica de Cartuchos do bairro de Realengo (estudo de caso desta pesquisa); (3) detectar e compreender as variáveis que definem o estudo de caso antes mencionado.

Como mencionado, a pesquisa toma como estudo de caso uma área do bairro do Realengo, mais especificamente o Parquinho Verde Realengo e a Antiga Fábrica de Cartuchos Realengo.

Realengo é um bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro (Fig. 1 e 2), o quarto bairro mais populoso (Fig.3) da cidade e está localizado na XXXIII Região Administrativa do Rio de Janeiro.



Figura 1: Localização do bairro de Realengo no mapa do município do Rio de Janeiro
Fontes: Lucas Vicente Loyola

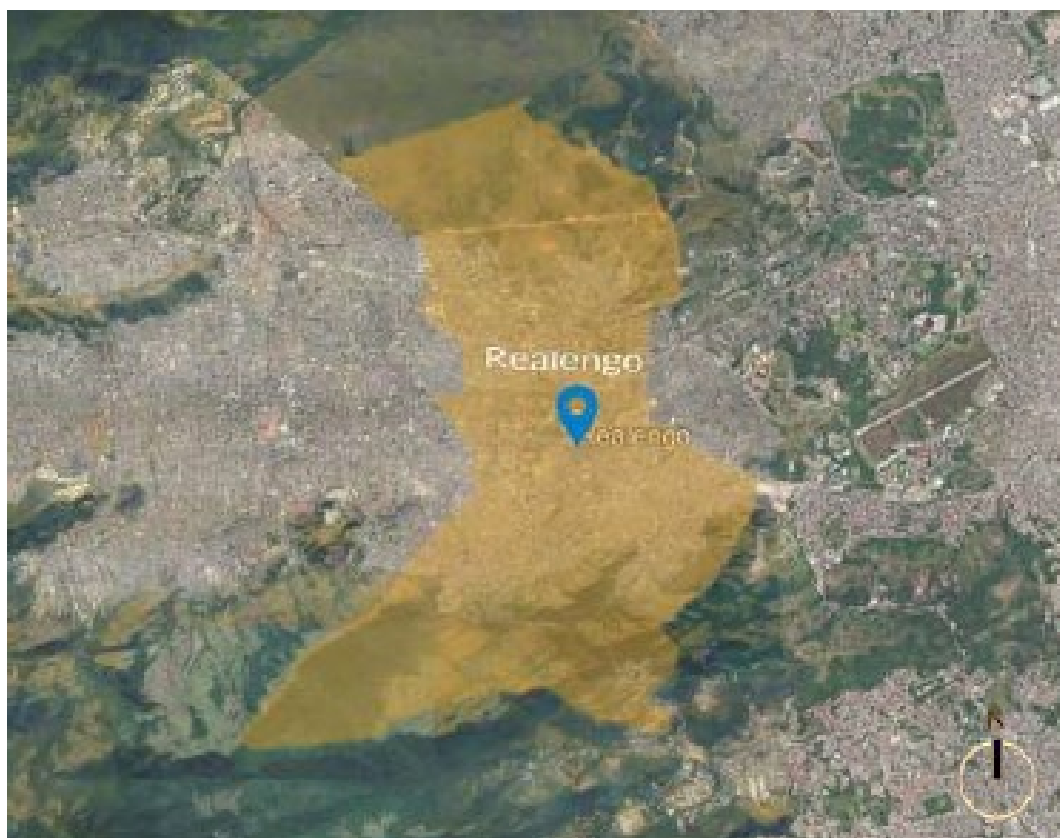


Figura 2: Bairro de Realengo – Zona Oeste - Rio de Janeiro
Fontes: Lucas Vicente Loyola

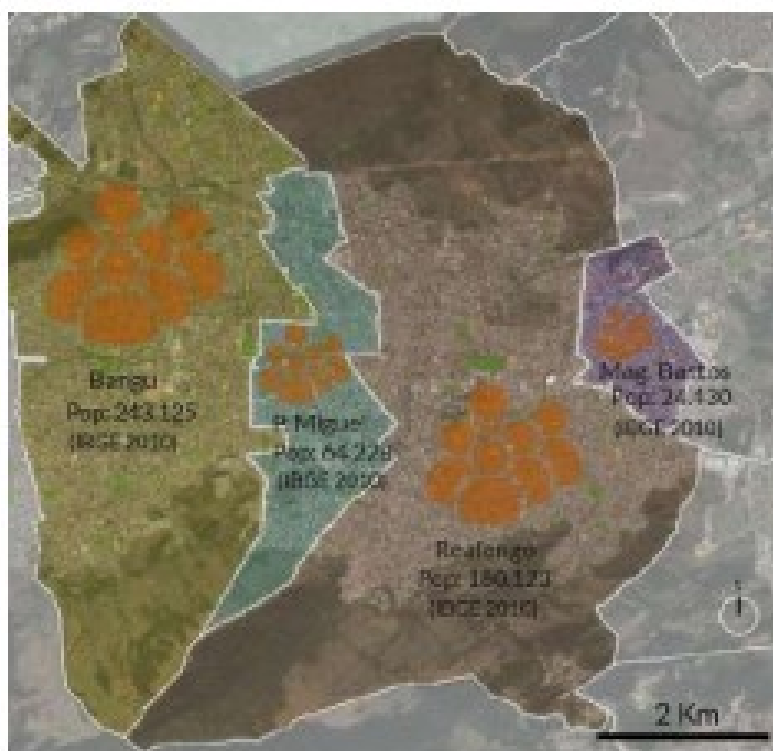


Figura 3: Mapa da população de Realengo e adjacências.
Fontes: Dados do Armazém de dados/IPP (2010) e do censo/ IBGE (2010)

O bairro foi se moldando a partir das edificações e instalações militares e da linha férrea (Fig. 4 e 5) que corta a região. Atualmente, o bairro é caracterizado por suas áreas militares, como a Praça do Canhão, localizada ao lado da linha férrea e Antiga Fábrica de Pólvoras. Além disso, Realengo reflete os impactos da urbanização acelerada ao longo do tempo e com a desativação de alguns equipamentos militares. Essa história multifacetada contribui para a rica identidade do bairro.



Figura 4: Escola Militar de Realengo, 1913.
Fonte: Fundação Getúlio Vargas.

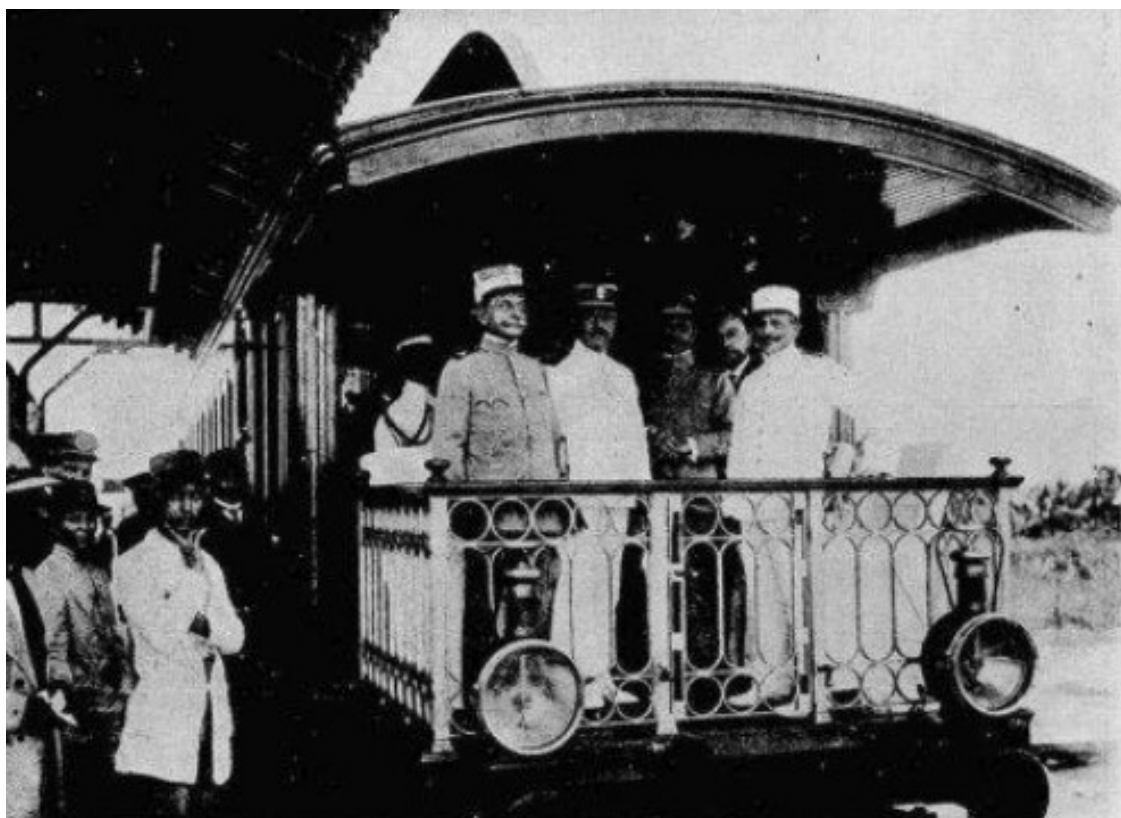


Figura 5: Estação Ferroviária de Realengo, 1913.
Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_rj_mangaratiba/realengo.htm

A linha férrea desempenhou um papel crucial no desenvolvimento do bairro de Realengo, tanto através do investimento em planejamento urbano ao redor da estação ferroviária, como na construção de edifícios importantes que ainda são emblemáticos na região, como o atual 9º Pelotão de Polícia do Exército (Fig.6) que permanece até os

dias atuais e a Antiga Fábrica de Pólvoras (Fig. 7), que foi desativada. Desde sua inauguração em 1878 desses empreendimentos, a área próxima à Estação Ferroviária e próxima a Fábrica, assim como o restante do bairro, testemunhou um rápido crescimento imobiliário e demográfico, especialmente com a construção de conjuntos residenciais voltados principalmente para os funcionários da Antiga Fábrica. Esse desenvolvimento impulsionou não apenas a infraestrutura local, mas também a economia e a vida social de Realengo, solidificando sua importância dentro da paisagem urbana do Rio de Janeiro.



Figura 6: 9º Pelotão de Polícia do Exército

Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_rj_mangaratiba/realengo.htm



Figura 7: Antiga Fábrica de Cartuchos

Fonte: <https://bairroderealengo.blogspot.com/p/historia.html>

Cabe ressaltar também, que após a desativação da Fábrica de Cartuchos, o terreno e os espaços ao redor passaram por algumas transformações, como a instalação da IFRJ (Instituto Federal do Rio de Janeiro) no terreno. Além disso, com a desativação da Fábrica houve a intensa ocupação de um espaço residual oriundo desde sua instalação no bairro até a sua desativação. Este espaço é chamado de Parquinho Verde Realengo. Assim sendo, com o grande adensamento populacional e com as poucas ofertas de espaços de lazer o espaço residual foi sendo ocupado pela população.

Perante isso, o estudo de caso deste trabalho é a apropriação do espaço residual do Parquinho Verde Realengo, área adjacente ao antigo terreno da fábrica de cartuchos e próxima aos principais equipamentos do bairro e ruas de principais acessos à área central do bairro. Nele, é possível observar uma relação entre o espaço residual e as dinâmicas de uso e apropriação da comunidade de Realengo, que convive cotidianamente com este lugar.

É nesse contexto que surge a apropriação do espaço residual e, consequentemente, a reivindicação por sua regularização através de sua apropriação, processo que culminou na criação do Parquinho Verde Realengo. Este ato foi a forma em que a população conseguiu transformar esse espaço residual em um local de lazer, além de ser um meio de reivindicar a criação de um parque urbano no local da Fábrica que foi desativada e abandonada. Um projeto desse tipo é capaz de melhorar a qualidade de vida dos moradores locais, oferecendo espaços para atividades ao ar livre, prática esportiva, interação social e contato com a natureza.

A ideia de transformar a região em um espaço público de qualidade é um desejo antigo dos moradores que buscam, por meio de movimentos populares, que isso se torne uma realidade.

Nesse contexto, os processos de mobilização popular foram fundamentais para

que o espaço do Parquinho Verde Realengo viesse a ser ocupado e a população tivesse um espaço de lazer e cultura. A mobilização teve grande participação do grupo Lata Doida. A Associação Grupo Cultural Lata Doida, é uma organização que funciona com caráter oficial desde 2008, e que tem como intuito promover ações culturais sociais e sustentáveis em locais carentes de Realengo e proximidades. Cabe destacar que o grupo nunca mobilizou grande quantidade de pessoas nas causas em que esteve envolvido, mas sempre conseguiu realizar uma série de articulações e pressões nas lutas em que esteve presente. É importante ressaltar ainda que, há pouco tempo, o grupo comemorou a resolução de um processo iniciado há 17 anos atrás (em 2007), que denunciava a permuta ilegal do terreno que era da União (a antiga Fábrica de Cartuchos) e foi repassado à Fundação Habitacional do Exército (FHE).

Outro fator importante de citar no processo de uso e apropriação do Parquinho Verde, espaço adjacente a um dos muros da Antiga Fábrica de Cartuchos, foi que a ocupação do parquinho teve como referência outro movimento do bairro, a ocupação embaixo do viaduto de Realengo, a qual contou com a participação ativa do Grupo Lata Doida. Além disso, é importante ressaltar que a ocupação no baixio do Viaduto de Realengo surge antes da apropriação do espaço de lazer do Parquinho Verde Realengo.

A iniciativa de ocupação sob o Viaduto de Realengo exemplifica como ações culturais comunitárias podem revitalizar espaços públicos e fomentar a produção cultural local. Liderada pelo coletivo Original Black Sound System, composto por jovens da região, essa iniciativa transformou uma área antes ociosa em um ponto de encontro cultural e de experimentação estética. A ação incluiu a aplicação de grafites e a criação de um ambiente propício à cultura e à arte, especialmente no cenário do rap, em que o coletivo atua.

Oberdan Mendonça, um dos idealizadores do Espaço Cultural Viaduto de Realengo (ECVR), desempenhou um papel central nessa transformação. Com 20 anos de experiência como grafiteiro, além de DJ e produtor cultural, ele ajudou a concretizar a visão de um espaço que reflete a diversidade e a criatividade da comunidade local, resignificando o espaço. (Rosa, 2018, p.45, *apud* Ribeiro, 2017, p.67) destaca a importância da resignificação:

Um território que além de ser resignificado cotidianamente, passa a resignificar as vivências do bairro, tendo o campo estético como suporte para a produção, fomentando principalmente uma reflexão para enfrentamento político e empoderamento das condições periféricas. (Rosa, 2018, p.45, *apud* Ribeiro, 2017, p. 67)

Percebe-se a importância da ocupação para uma nova leitura do local que antes estava abandonado. O lugar em questão, está situado em uma área estratégica (Fig.8) próxima ao campo do Exército e a uma das principais vias de acesso à estação de trem de Realengo, atraindo grande circulação de pessoas. Essa localização contribui para o sucesso da ocupação, tornando o ECVR um ponto cultural relevante, que não só enriquece a vida da comunidade como também redefine o uso do espaço urbano.



Figura 8: Viaduto de Realengo.
Fonte: Sandro Henrique Rosa, 2018.

O projeto é um exemplo inspirador de como intervenções culturais podem transformar lugares esquecidos em polos de expressão artística e interação social, mostrando o potencial do engajamento comunitário na requalificação de áreas públicas. Essa apropriação espacial sob o Viaduto de Realengo inspirou o movimento de ocupação do espaço situado ao lado da Antiga Fábrica de Cartuchos, que posteriormente foi chamado de Parquinho Verde Realengo.

Assim sendo, torna-se oportuno salientar que o movimento de ocupação do espaço embaixo do Viaduto de Realengo se encontrava abandonado, sendo bastante perigoso para a população local, e se tornando um dos maiores problemas no bairro devido a insegurança presente. Nesse local houve uma intensa mobilização social. Os usuários e moradores, cansados de esperar pelo poder público, se organizaram em conjunto com ONGs para buscar soluções que pudessem transformar o espaço do Viaduto de Realengo, de maneira que essas melhorias viessem a contribuir para a transformação espacial do viaduto em um local com intensa atividade de lazer, cultura e assim, contribuindo para que os moradores usassem e se apropriarem do espaço. Exemplo disso, são as rodas culturais e sessões de filmes, os quais são exibidos nesse espaço, embaixo do viaduto de Realengo (Fig. 9 e Fig.10).



Figura 9: Cinema – Viaduto de Realengo, RJ.
Fontes: <https://rioonwatch.org.br/?p=32672>



Figura 10: Roda Cultural – Viaduto de Realengo, RJ.
Fontes: <https://intervencoestemporarias.com.br/intervencao/viaduto-realengo/>

A mobilização no baixio do Viaduto de Realengo, para que este espaço que, antes da intervenção, corresponderia a um espaço residual (conceito que será aprofundado mais adiante neste trabalho) viesse a se tornar um espaço de lazer, foi de

grande importância para que os moradores situados próximo ao Parquinho Verde Realengo e outros simpatizantes pela causa, que mais tarde veio a ser denominada de Movimento Parque Verde. O movimento serviu de motivador para moradores de outras áreas do bairro, os que já lutavam por espaços públicos de qualidade e seguros e que, anos mais tarde, motivou uma maior mobilização e luta para que o espaço adjacente à Fábrica de Cartuchos viesse a se tornar um Parque Urbano, recentemente inaugurado (2024).

É neste ponto que o estudo de caso cobra relevância, por se tratar de uma área historicamente abandonada e degradada, aparentemente com as características de um vazio urbano - a Fábrica de Cartuchos – e um espaço aparentemente residual, o Parquinho Verde, adjacente ao anterior, recuperado e utilizado pelos moradores a partir de movimentos sociais de apropriação desse espaço. Atualmente os dois espaços, cada um com suas próprias características, como será apresentado mais adiante, foram integradas para constituir-se no recentemente inaugurado Parque Realengo Susana Napolini (2024).

Dessa maneira, compreende-se que o bairro de Realengo, no Rio de Janeiro, tem enfrentado desafios relacionados ao seu adensamento e à escassez de espaços de lazer e de qualidade. A importância desses espaços para a população local é fundamental, pois eles não apenas oferecem áreas de lazer, mas também funcionam como pontos de encontro e interação comunitária. A transformação dos espaços residuais e vazios urbanos (conceitos que serão discutidos mais adiante), normalmente áreas abandonadas ou subutilizadas, tem se tornado uma luta crescente na comunidade. Esses espaços podem ser revitalizados para fomentar interações sociais e atividades coletivas, fortalecendo o senso de comunidade e contribuindo para o bem-estar dos moradores. Além disso, a ação cultural e social, entendida como uma prática de solidificação e engajamento da comunidade, tem um papel crucial nesse processo, pois promove a integração e o engajamento da população em atividades culturais e sociais, ativando assim a vida comunitária e criando novas oportunidades de convivência e expressão cultural.

Em termos **metodológicos** a pesquisa desenvolveu-se, em um primeiro estágio, através de uma abordagem teórica conceitual (descritiva e crítica), baseada na revisão bibliográfica principalmente sobre o conceito de espaço residual. Além disso, foi realizado trabalho de campo, com realização de entrevistas e fotografias, com o propósito de incorporar uma abordagem investigativa e qualitativa.

A pesquisa se utilizou das estratégias de Vogel e Mello (2016) baseadas em fotografias e observações in loco, para captar e traduzir os sensíveis urbanos da região do Catumbi-RJ, técnica também aplicada neste caso para analisar os espaços residuais e a apropriação desses espaços no ambiente urbano. “Fotos e desenhos facilitam a leitura, captam e traduzem com grande impacto as expressões do sensível urbano. Valem por mil palavras” (Vogel e Mello, 2016, p.38). Essas técnicas e procedimentos metodológicos contribuíram para a compreensão do espaço urbano, auxiliando também na percepção de apropriação da área estudada.

Numa segunda etapa, foram realizadas entrevistas por meio de questionários com moradores e colaboradores que ajudaram na construção do Parquinho Verde Realengo. Ressalta-se que as entrevistas têm sido um mecanismo de levantamento de dados importante nesta pesquisa, contribuindo com informações de caráter histórico e qualitativo para entender com maior precisão a relação dos usuários com o espaço estudado e as dinâmicas de uso e apropriação do Parquinho Verde Realengo.

Complementarmente, foi utilizada a observação in loco no recorte espacial estudado para compreender a dinâmica do espaço situado ao lado da Antiga Fábrica de Cartuchos, no bairro de Realengo, e a relação dos usuários com ele.

Estas relações de uso e apropriação são analisadas à luz de alguns conceitos centrais, como são o Espaço Residual e a ideia de Comum Urbano (Pettersen, 2021). Neste último caso, o trabalho de Pettersen intitulado Ações Culturais sob os viadutos do Rio de Janeiro (2021), é possível observar a importância das práticas insurgentes

relacionadas ao uso e apropriação por parte dos moradores. A autora destaca em seu estudo o conceito de “urbanismo pelas próprias mãos” nos espaços residuais. Por outro lado, o estudo intitulado *Cultura sob o Viaduto: O Espaço Cultural Viaduto de Realengo e Dimensões das Políticas Culturais no Rio de Janeiro* (Rosa, 2018), apresenta uma análise da apropriação de um espaço público na Zona Oeste do Rio de Janeiro, em que são observadas ações culturais no Espaço Cultural do Viaduto de Realengo. Desse modo, seguiu-se com uma revisão bibliográfica para melhor entendimento do conceito de Espaço Residual, buscando orientar o trabalho de campo desde uma perspectiva vivencial que permite entender como as pessoas lidam com os espaços urbanos, mais especificamente aqueles com características de espaço residual.

De acordo com Sampaio (2013), normalmente os espaços residuais são absorvidos pela população. “Sendo absorvidos, isso significa que estes espaços são percebidos e vividos, isto é, são produzidas práticas espaciais e espaços de representação, e, neste caso, reverte-se o caráter residual destes espaços”. (Sampaio, 2013, p.3). Desse modo, é possível atentar-se ao fato de que os espaços residuais, quando absorvidos e apropriados, podem dar uma nova significação para esses locais. Esses espaços quando absorvidos, possibilitam uma nova relação dos usuários com os espaços residuais e alteram a dinâmica da vida urbana.

A partir dessa perspectiva, o trabalho de Santana (2017) intitulado *Vislumbres no Vazio: Apropriações artísticas em espaços residuais de Aracaju*, consegue abordar também com grande objetividade o significado do espaço residual e as formas de uso e apropriação dos mesmos, além de abordar a conceituação de espaços entre-lugares. “São também, por outro lado, espaços desprovidos de limitações ou definições morfológico-funcionais bem estruturadas e que, justamente por isso, são passíveis de inúmeros tipos de vivências e ocupações não previstas” (Santana, 2017, p.19). Pode-se inferir, que levar em conta as especificidades dos espaços residuais é um caminho adequado para se optar pela melhor abordagem para estes espaços na cidade.

Segundo Souza (2020), espaços residuais podem ser percebidos como lugares com potencialidades. “São espaços com potencialidades. Emerge daí o conceito que compreendo se mostrar o mais adequado à atualidade e pelo qual esta pesquisa foi conduzida, pois este tende a valorizar este espaço em diferentes âmbitos: são espaços de resistência” (Souza, 2020, p.33).

Por tudo isso, os espaços residuais podem ser vistos como pertencentes às dinâmicas de vida urbana. Desse modo, é importante salientar que esses espaços dão suporte à vivência e a uma nova leitura dos espaços públicos nas cidades. Assim sendo, a partir dessas perspectivas, procurou-se compreender melhor algumas das conceituações de espaços residuais, de modo que pudesse ser analisado o potencial que estes espaços portam e, neste caso específico, do Parquinho Verde Realengo.

Finalmente, a dissertação está organizada em cinco capítulos, além da introdução (capítulo 1) e das considerações finais. O segundo capítulo traz uma explanação a respeito dos espaços livres, espaços residuais e vazios urbanos, para um melhor entendimento destes conceitos e visando a elucidação do estudo de caso analisado. No terceiro capítulo são abordados aspectos como localização, inserção e história do bairro de Realengo visando uma apresentação mais clara do estudo de caso e suas características históricas, físicas e sociais. No quarto é apresentada a análise sobre os vazios urbanos e espaços residuais de Realengo à luz dos conceitos e metodologia aplicada. No quinto capítulo são apresentados os resultados a partir das análises coletadas no Parquinho Verde Realengo. Por fim, o sexto capítulo corresponde às considerações finais.

2. ESPAÇOS LIVRES, ESPAÇOS RESIDUAIS E VAZIOS URBANOS

2.1 ESPAÇOS LIVRES

Antes de discorrer sobre espaços livres, residuais e vazios urbanos, é importante assumir uma posição em relação à definição de espaço. Para tal é utilizada a definição acunhada por Santos.

De acordo com Patrício (2021) “o espaço é entendido como um híbrido entre materialidade e sociedade, entre forma e conteúdo, entre elementos fixos e fluxos, entre inércia e dinâmica, entre sistema de objetos e sistema de ações. Tem-se, portanto o espaço como uma instância social, da mesma maneira que são instâncias sociais a economia, a cultura e a política.). O espaço não é apenas um cenário neutro onde eventos ocorrem, mas sim um produto das relações sociais, econômicas, culturais e políticas que o moldam.” (SANTOS, 1985 apud Patrício, 2021, p.17).

A partir desta definição, é possível avançar sobre a definição espaço livre. Sá Carneiro e Mesquita (2000) “definem espaços livres públicos como aqueles que são constituídos de pouca ou nenhuma construção, podem possuir função de recreação, circulação, equilíbrio ambiental e composição paisagística. Para os autores, são exemplos de espaços livres públicos ruas, praças, pátios, parques, entre outros.” (Sá Carneiro e Mesquita, 2000 apud Ali, Jesus, Ramos, 2020). Por outro lado, Tardin afirma que “os espaços livres são vistos, a partir de sua estrutura espacial e funcional, como partes do território não ocupadas pelos assentamentos e pelas infraestruturas viárias.” (Tardin, 2008, p.17”).

Percebe-se, desse modo, que os espaços livres são partes integrantes do território, uma vez que se deve levar em consideração a significância, a relação desses espaços com seu entorno e com o local em que está inserido pois é preciso percebê-lo como parte de um todo.

É importante ressaltar, nesse contexto, que os espaços livres também podem ser de uso público e desempenham um papel fundamental em várias dimensões da vida urbana. Eles não apenas contribuem para o equilíbrio ambiental local, fornecendo áreas verdes que ajudam na regulação do clima e na preservação da biodiversidade, mas também, são essenciais para a qualidade de vida e segurança dos cidadãos.

Conforme conceituação de Magnoli (1982), “Espaços livres são todos os espaços livres (não ocupados) de edificação, independentemente se são urbanos ou não urbanos, públicos ou privados, vegetados ou não vegetados, pavimentados ou não pavimentados” (Santana, 2017, p.19). Dessa maneira, é possível observar que os sistemas de espaços livres abrangem uma gama ampla de áreas e não se limitam apenas a espaços verdes, vegetados ou públicos. Inclui todos os tipos de espaços abertos disponíveis para uso público ou privado, como parques, praças, calçadas, pátios, jardins, áreas de recreação e até mesmo espaços intersticiais entre edifícios. Esses espaços desempenham um papel crucial na qualidade de vida urbana, no bem-estar das comunidades e no funcionamento eficiente das cidades.

Ainda acerca dos espaços livres (Solà-Morales 2002, apud Santana, 2017, p.8) “associa o termo *terrain vague* aos espaços que “são ilhas interiores esvaziadas de atividade, são olvidos e restos que permanecem fora da dinâmica urbana. Convertendo-se em áreas simplesmente des-habitadas, in-seguras, im-produtivas”.

Solà-Morales (2002) explica ainda que o termo traz a ideia de dualidade com o espaço, posto que o termo “*vague*” de acordo com o autor pode ser:

En primer lugar, *vague* como derivado de *vacuus*, *vacant*, *vacuum* em inglês, es decir *empty*, *unoccupied*; pero también, *free*, *available*, *unengaged*. La relación entre la ausencia de uso, de actividad y el sentido de libertad, de expectativa es fundamental para entender toda la potencia evocativa que los *terrain vague* de las ciudades tienen en la percepción de la misma en los últimos años. Vacío, por tanto, como

ausencia, pero también, como encuentro, como espacio de lo posible, expectación (Solà-Morales, 2002, p.186-187).

Desse modo, alguns espaços livres podem ser considerados “*terrain vague*” no sentido de serem áreas indefinidas ou não utilizadas de forma específica, mas ao mesmo tempo estão integrados na cidade e são frequentemente utilizados de maneiras variadas pelos seus habitantes, sendo relevante levar em consideração que nem todo espaço livre é um *terrain vague*. Esses espaços livres muitas vezes adquirem significados particulares para as pessoas que vivem nas proximidades, seja como locais de encontro, espaços para atividades recreativas informais ou até mesmo como refúgios urbanos.

Ainda sobre as definições de espaços livres, os espaços podem ser entendidos de diversas formas. De acordo com Galender (2012, p.9):

Os espaços livres são percebidos de diversas maneiras, podendo ser vistos em elementos como os parques e praças, por exemplo, e que fazem parte da organização urbanas das cidades, caracterizando um modelo de vazio urbano no sentido oposto de cheio, mas que pode colaborar para cumprimento da sua incumbência social, que é propriamente contribuir para a melhor qualidade de vida, além do bem-estar das pessoas, possibilitando locais de permanência, prática de atividades, recreação, entre outros (Galender, 2012, p.9).

Por tudo isso, de acordo com o que vem sendo explicitado até aqui pode-se inferir que os espaços livres sejam considerados e como corriqueiramente em determinadas situações são associados a espaços residuais e vazios urbanos. Desse modo, a compressão de espaços livres pode contribuir para um melhor entendimento acerca dos espaços residuais e vazios urbanos.

2.2. ESPAÇOS RESIDUAIS

A distinção entre espaços residuais e espaços vazios é importante para uma compreensão mais precisa do tema aqui tratado e das relações socioespaciais do estudo de caso analisado. Enquanto espaços vazios geralmente se referem a áreas desocupadas, muitas das vezes negligenciadas ou sem uso aparente, espaços residuais têm uma conotação mais específica.

Embora os termos possam às vezes ser usados de forma intercambiável, é importante reconhecer as nuances entre eles, especialmente ao considerar estratégias de uso e apropriação urbana e planejamento do espaço público. Os espaços residuais, em particular, podem representar oportunidades valiosas para intervenções criativas e adaptativas que beneficiem as comunidades locais e melhorem a qualidade de vida urbana, especialmente quando se trata de espaços públicos.

Ademais, os espaços residuais são áreas que não se encaixam perfeitamente nos planos de desenvolvimento urbano ou que não são totalmente ocupados por construções. No entanto, esses espaços podem não estar necessariamente vazios, pois podem ser utilizados de alguma forma, mesmo que de maneira informal ou temporária.

Ao discorrer sobre os espaços residuais, é importante em mente a ideia da definição de resíduos para ajudar na compreensão dos mesmos. De acordo com o Dicionário Michaelis:

Resíduo adj. Que resta; restante, remanescente. Sm. 1 Aquilo que resta, que subsiste de coisa desaparecida. 2 Sobra de um produto. 3 Pó proveniente da combustão de certos materiais. 4 Substância que resta depois de uma operação ou manipulação industrial, podendo ser reaproveitada. 5 Parte insolúvel depositada em um filtro, após a retirada completa do líquido existente. 6 Resto de um produto que não deve ser utilizado. 7 Fig. O âmago ou o fundo de uma questão. 8 Estat. Diferença entre o valor

absoluto ou mais próximo de uma variável e o valor submetido à observação. 9 Jur. Resultado da venda de bens de raiz e lucros obtidos em operação financeira, relativos aos testadores, que estão em poder dos testamentários. 10 Quím. Matéria remanescente após processo de destilação, combustão etc.

Os espaços residuais são abordados nessa pesquisa como espaços urbanos que criam conexões e que são apropriados por determinada dinâmica urbana, ao mesmo tempo, em que são vistos por determinada parte da sociedade como espaços negligenciados dentro do contexto urbano.

Para Rennó (2007) os espaços residuais diferem no Brasil da visão estrangeira de seguinte maneira: “os espaços residuais aparecem e são ocupados também nas metrópoles brasileiras. A grande diferença em relação aos espaços que analisavam os autores e artistas nos Estados Unidos e na Europa é que o que é definido como espaço de ocupação efêmera passa a ser um lugar, um espaço de convivência, de constituição de uma comunidade” (Rennó, 2007, p.71)

Ainda segundo Rennó (2007) “O conceito de residuais pode permitir a compreensão da organização da cidade como modo de coexistência de sistemas distintos que se alteram mutuamente. É preciso, no entanto, não transformar esta análise em uma defesa da habilidade que os não-cidadãos da cidade possuem em resolverem problemas de modo a justificar a ausência de apoio por parte do Estado” (Rennó, 2007, 102). Portanto, é crucial evitar simplificar os processos analíticos de conexões e comunicações dos cidadãos com o espaço residual. Dessa maneira, um olhar mais abrangente corrobora para uma compreensão mais completa e precisa das dinâmicas envolvidas nesses espaços. Ao considerar uma variedade de fatores e perspectivas, pode-se capturar a complexidade dessas interações e suas implicações de forma mais eficaz.

Ademais, esses espaços residuais podem, por um lado, desempenhar um papel na criação de conexões na cidade e serem apropriados por diferentes dinâmicas urbanas. Por outro lado, esses mesmos espaços residuais podem ser vistos como espaços que não fazem parte integral da experiência urbana, acarretando numa dicotomia dos espaços urbanos e numa sensação de que não pertencem ao ambiente em que estão inseridos.

Nessa conjuntura, outra visão acerca dos espaços residuais é importante destacar. De acordo com Chahoud & Stedile (2016):

Estes espaços residuais são lugares externos, estranhos, que ficam fora dos circuitos, das estruturas produtivas. Frutos muitas vezes de uma corrente modernista que tem como critério a indisposição em dialogar com o ambiente local, assim como a recusa por construir lugares significativos e que, em antemão, prioriza projetos esteticamente exuberantes, onde encontram-se formas glamorosas que se destacam ante a passividade de uma vida urbana sem identidade.

Para Espósito & Linares (2020, p.88):

São o que podemos chamar de “espaços residuais”, territórios em “estado de exceção” (AGAMBEN, 2004), sítios onde as práticas não recomendadas são excepcionalmente permitidas por necessidade pública. Zonas de tolerância que a cidade mantém, dentro de seus limites, para satisfazer desejos que a legalidade é incapaz de fornecer. Lugares que fazem parte de uma rede política de acordos firmados entre duas oposições e que permanece velada para não comprometer o funcionamento do sistema. São lugares como o beco escuro, o baixo viaduto, a praça abandonada, a favela, a rua sem saída e tantos outros que a “cidade dos normais” frequenta, diariamente, mas se nega a reconhecer.

Como pode-se perceber, os espaços residuais exercem múltiplas funções no contexto da cidade. Souza (2020) com base em seus estudos destaca que a origem do

espaço residual está relacionada a um “impasse entre funcionalidade e visibilidade urbana, pois eles são aparentemente não percebidos, esquecidos, não utilizados ou subutilizados pela maioria da população” (Souza, 2020, p.27)

“Os espaços residuais também se apresentam como superfícies de conexão entre diferentes espaços e, majoritariamente, como espaços de pequenas dimensões, que podem ser absorvidos pelos sentidos humanos sem dificuldades (Sampaio, 2013 apud Souza, 2020).” De fato, os espaços residuais muitas das vezes têm a capacidade de criar conexões e interações com os espaços circundantes. Essas conexões podem ser vistas de diversas naturezas, como sociais, econômicas ou mesmo físicas. Essa interconectividade entre espaços residuais e o entorno pode contribuir para a conformação e dinâmica territorial.

Nessa perspectiva, que por vezes é hierarquizada, os espaços residuais são dominados e em muitos casos seus usos previsíveis. Entretanto, em diversos outros lugares sua ideia é bastante subjetiva. Dessa maneira, possuem uma interpretação singular a partir de seus usuários.

Outro fator importante é olhar os espaços residuais como *terrain vagues*. “Os espaços residuais são [também] *terrain vague*” (Sampaio, 2013, pg. 17 apud Pettersen, 2021, pg.21). Esta segunda denominação é utilizada por Solà-Morales (2002) para fazer alusão a espaços que carregam uma essência ambígua entre a ociosidade e a expectativa: ele explica que em sua abordagem o “vazio” é entendido como “ausência, mas também como promessa, como encontro, como espaço do possível, expectativa.” (SOLÀ-MORALES, 2002, online apud Pettersen, 2021, pg. 21)

Entende-se, que esses conceitos trazem e elucidam a notoriedade do espaço residual, como um espaço urbano paradoxal. O espaço residual, em determinados lugares, pode provocar sentimento de espaço inseguro como consequência a inúmeros fatores, como a falta de iluminação de qualidade, a presença local que se encontram abandonados, a concentração de pessoas em determinadas áreas, entre outros. Esses elementos contribuem para criar um ambiente que pode ser percebido como perigoso pelos passantes.

Não obstante, torna-se oportuno salientar também que os espaços residuais possuem grande potencialidade e são capazes de proporcionar diversos benefícios no ambiente urbano, sendo por meio de aspectos estéticos ou de civilidade, de modo que podem proporcionar o acontecimento de práticas sociais, por exemplo.

Por fim, é importante notar que ao olhar esses espaços residuais, não se está vendo apenas um espaço sem uso ou que não tenha tanta relevância, ou até mesmo que deva ser evitado, mas também está sendo enxergado os acontecimentos e as circunstâncias inerentes os momentos daqueles espaços e, que esperam por novos usos e apropriações. Esses espaços residuais podem ser apercebidos como reflexos das mudanças no espaço ao longo do tempo.

2.3 VAZIOS URBANOS

Para discutir os vazios urbanos, é essencial compreender que o espaço urbano se caracteriza pela concentração de indivíduos em um determinado território e se distingue do meio rural por sua estrutura, estilo de vida, hábitos e necessidades específicas. Essas diferenças decorrem das atividades laborais predominantes e da infraestrutura externa para demandas específicas. Embora tanto a população urbana quanto a rural compartilhem necessidades básicas, como alimentação, habitação, lazer e educação, a forma como essas demandas são atendidas varia significativamente no cotidiano.

Dessa maneira, um dos precedentes para se tentar se aproximar de uma compreensão dos espaços residuais, foi o conhecimento sobre os vazios urbanos. Os espaços residuais muitas das vezes estão atrelados aos vazios urbanos e, em alguns casos, os vazios urbanos contribuem para a produção do espaço residual. Assim, os vazios urbanos são vistos como espaços dentro de áreas urbanas que não estão

ocupados por construções permanentes, como edifícios ou infraestruturas. Eles podem variar em forma e tamanho, abrangendo desde pequenos terrenos baldios entre edifícios até grandes áreas não construídas no tecido urbano. Esses espaços desempenham diversos papéis cruciais no desenvolvimento urbano.

Vazios urbanos podem ser considerados como áreas imersas em um contexto urbano, as quais se encontram subutilizadas ou completamente desocupadas, não cumprindo sua função social. Desse modo, essas áreas podem se manifestar de várias maneiras e em diferentes escalas. Podem ser pequenos lotes vazios em áreas urbanas densamente desenvolvidas, ou ainda grandes áreas de terra desocupada em regiões urbanizadas.

A subutilização ou abandono dos vazios urbanos vai ao encontro do conceito deste, como algo degradado. Tal conceituação dos vazios urbanos como algo degradado também é utilizado por Clemente (2012), em que “os vazios urbanos compreendem terrenos e edificações a espera de serem demolidas, caracterizadas por serem estruturas com alto nível de degradação e obsolescência no centro urbanos” (Clichevsky, 2000 apud Clemente, 2012, p.22).

Segundo (Oliveira, 2015), os vazios urbanos dividem-se em três categorias principais, considerando os diferentes processos de criação:

- **Estruturais** – como consequência da obsolescência funcional das instalações ou infraestruturas (ex. indústria, portos, caminhos de ferro, áreas militares etc.);
- **Conjunturais** – como consequência de falências ou impasses jurídicos;
- **Projetuais** – como consequência de projetos incompletos, mal estruturados ou nunca realizados.

Já de acordo com Dittmar (2006), “vazios urbanos são os espaços construídos, não construídos, desocupados ou subutilizados, caracterizados como resíduos do crescimento urbano” (Dittmar, 2006, p.14). Percebe-se desse modo, que os vazios urbanos são em muitos casos produtos do crescimento das cidades e em muitos casos, podem ser algumas das alternativas à busca por soluções para a falta de espaços de lazer, por exemplo.

Borde (2006) afirma que “no contexto brasileiro a expressão vazio urbano é utilizada para nomear um fenômeno urbano, enquanto terreno baldio, abandonado, ocioso, entre outras expressões observadas nos estudos temáticos, designam as diferentes tipologias de vazios urbanos”

(Borde, 2006 apud Jardim, 2015) define o vazio urbano “como o conjunto de terrenos e edifícios vacantes que acabam por contrastar com o tecido urbano devido às suas condições de uso e ocupação – sem ocupação, uso ou subutilizados – e, portanto, não beneficiam a coletividade, isto é, não cumprem a sua função social”.

Portas (2000) afirma que a expressão vazio urbano é dotada de certa ambiguidade, uma vez que “a terra pode não estar literalmente vazia, mas encontrar-se simplesmente desvalorizada com potencialidade de reutilização para outros destinos, mais ou menos cheios.” Pode-se extrair da afirmação de Portas que a condição de vazio urbano não está necessariamente vinculada a uma situação de vacância do terreno, e sim a uma situação de desativação, de ausência de funções.

São diversos os motivos para a ocorrência de vazios urbanos, que podem variar entre redução das infraestruturas urbanas, lotes vazios, entre outros. Ademais, os vazios urbanos podem ser consequências de fatores fundiárias e judiciais de árdua solução, perda de valor.

É nesse contexto que se insere o vazio urbano da Antiga Fábrica de Cartuchos de Realengo (local adjacente ao espaço do Parquinho Verde Realengo) (Fig. 11). Uma vez que este local se encontra desvalorizado e desativado, mesmo sendo propriedade do Exército Brasileiro, além de ser constantemente motivo de luta para que o espaço da

Fábrica cumpra sua função social, como vazio urbano pode ser categorizado como um vazio de tipo estrutural, dada a obsolescência funcional das suas instalações.



Figura 11: Parquinho Verde Realengo (em verde), Antiga Fábrica de Cartuchos (em amarelo) e entorno.

Fonte: Google Maps, com modificações do autor.

A partir do anterior se abre a discussão sobre o terceiro conceito espacial levantado nesta pesquisa: o espaço residual. Estes muitas vezes são confundidos com os vazios urbanos. A presença de espaços residuais é frequente no tecido urbano das cidades e em muitos casos são ignorados. Assim, analisar as dinâmicas de apropriação e seus diferentes usos, auxilia na compreensão das relações dos cidadãos com os espaços residuais.

Os vazios urbanos e os espaços residuais, embora muitas vezes relacionados, são diferentes em termos urbanos. Os primeiros podem ser delimitados por lotes, muros e terem um ou mais proprietários e muitas das vezes sem uso, enquanto os espaços residuais podem ser usados e são, na maioria dos casos, de domínio público e acessíveis.

3. BAIRRO DE REALENGO NA ZONA OESTE/RJ

A área da pesquisa está localizada no bairro de Realengo/RJ, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, bairro que faz divisa com os bairros de Magalhães Bastos e Padre Miguel. (Fig. 12)



Figura 12: Mapas gerais da região de Realengo, Localização da Fábrica (em amarelo), Parque Verde Realengo (vermelho).

Fontes: Google Maps; Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2023

O bairro de Realengo começou a se desenvolver no século XVIII, ganhando impulso significativo a partir de marcos importantes no final do século XIX e início do século XX. As instalações militares Realengo, em 1859 (Fig.13), e inauguração da estação ferroviária, em 1878 (Fig.14), foram fatores cruciais para a conectividade e expansão do local. Posteriormente, houve a instalação da sede da Escola Militar de Realengo, entre os anos de 1913 e 1914, o que contribuiu ainda mais para o processo de urbanização e desenvolvimento de Realengo.



Figura 13: Escola Militar de Realengo, 1859.
Fonte: Acervo Bangu



Figura 14: Estação Ferroviária, 1878, Realengo/RJ.
Fontes: <https://realengoempauta.com.br/categoria/esporte/>

Além disso, a proximidade com o bairro de Bangu (vizinho a Realengo), onde foi instalada a Fábrica de Tecidos de Bangu, e com outros empreendimentos locais em Realengo, contribuiu para o crescimento econômico e populacional do bairro. Esse cenário atraiu investimentos em infraestrutura e moradia, incluindo a construção de conjuntos habitacionais destinados aos funcionários das instituições militares, reforçando o caráter residencial e militar da região.

O bairro de Realengo, localizado no Rio de Janeiro, possui uma rica história associada à habitação popular e ao planejamento urbano. Foram elaboradas 1.400

casas iniciais e essas habitações foram parte de um projeto habitacional pioneiro, conduzido por Carlos Frederico Ferreira, um engenheiro-arquiteto que desempenhou um papel importante no desenvolvimento urbano da época.

A inauguração do Conjunto Residencial do Realengo, em junho de 1943, foi um marco no desenvolvimento da Zona Oeste do Rio de Janeiro. O Slivnik (2020) destacou o impacto do projeto, que representava uma iniciativa urbana ambiciosa, alinhada às políticas habitacionais da época. De acordo com Slivnik (2020) o projeto reforça uma ideia de desenvolvimento do bairro e novas conquistas, como destaca: “Nasceu uma cidade, com praças e jardins, onde há três anos só havia pântanos e desertos”. “Antecipando para o Brasil de nossos dias as conquistas sociais do mundo de amanhã!” (Slivnik, 2020, in Lugares de Memória dos Trabalhadores, 2020).

Esse tipo de empreendimento era parte de um movimento maior de urbanização e modernização no Brasil durante o governo Vargas, que buscava atender às demandas de moradia para trabalhadores, especialmente em regiões estratégicas como a Zona Oeste carioca. Realengo, até então um bairro predominantemente rural e de perfil industrial emergente, ganhou impulso com o conjunto residencial, atraindo novos moradores e fomentando a infraestrutura local. Além do impacto social e econômico, o projeto enfatizava o discurso de progresso e planejamento urbano, características marcantes da política nacional-desenvolvimentista do período.

Esse projeto foi realizado sob a gestão do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI), criado nos anos 1930 como parte das políticas de previdência social implantadas pelo governo Vargas. O conjunto dos IAPI's (Fig. 15), sendo o um dos maiores projetos de conjunto habitacionais, tinha um papel multifacetado: além de oferecer aposentadorias, pensões e assistência médica aos trabalhadores, promovia também o acesso à moradia digna, uma necessidade emergente para a classe trabalhadora, militares, além da população de baixa renda no bairro em crescente expansão.



Figura 15: Faixa celebra a visita do presidente Eurico Gaspar Dutra ao Conjunto do IAPI no Realengo em outubro de 1948.

Fonte: <https://lehmt.org/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-43-conjunto-residencial-do-iapi-de-realengo-rio-de-janeiro-rj-andrej-slivnik/>

Esse tipo de iniciativa foi fundamental para o desenvolvimento de bairros como o de Realengo, por exemplo, e que passou a abrigar conjuntos habitacionais planejados, promovendo a integração dos trabalhadores ao tecido urbano de forma estruturada. O projeto em Realengo não só marcou o início de uma política de habitação popular no Brasil, mas também consolidou a atuação de arquitetos e urbanistas em projetos sociais.

Embora tenha sido um grande avanço para as questões sociais, o planejamento carecia de infraestrutura básica e áreas de lazer ou quintais, por exemplo, o que com o passar do tempo acarretou diversos conflitos como a falta de espaço cultura, lazer e recreação, além dos constantes alagamentos, entre outros problemas em Realengo.

Cabe ressaltar que o bairro de Realengo é o 4º mais populoso da cidade do Rio de Janeiro. O rápido adensamento e desenvolvimento do bairro ocasionou a supressão de espaços livres. Consoante a tudo que sendo explicitado, a crescente ocupação dos espaços livres pela população e falta de fiscalização nos poucos espaços livres restantes (Fig.16), aos poucos foram contribuindo para que esses lugares viessem a encontrar-se abandonados e necessitando de uma requalificação. Sendo um exemplo disso, o espaço do Parquinho Verde e a Antiga Fábrica de Cartuchos, que são lugares que sofrem ao longo do tempo com o descaso, sendo utilizado como descartes de resíduos por exemplo.

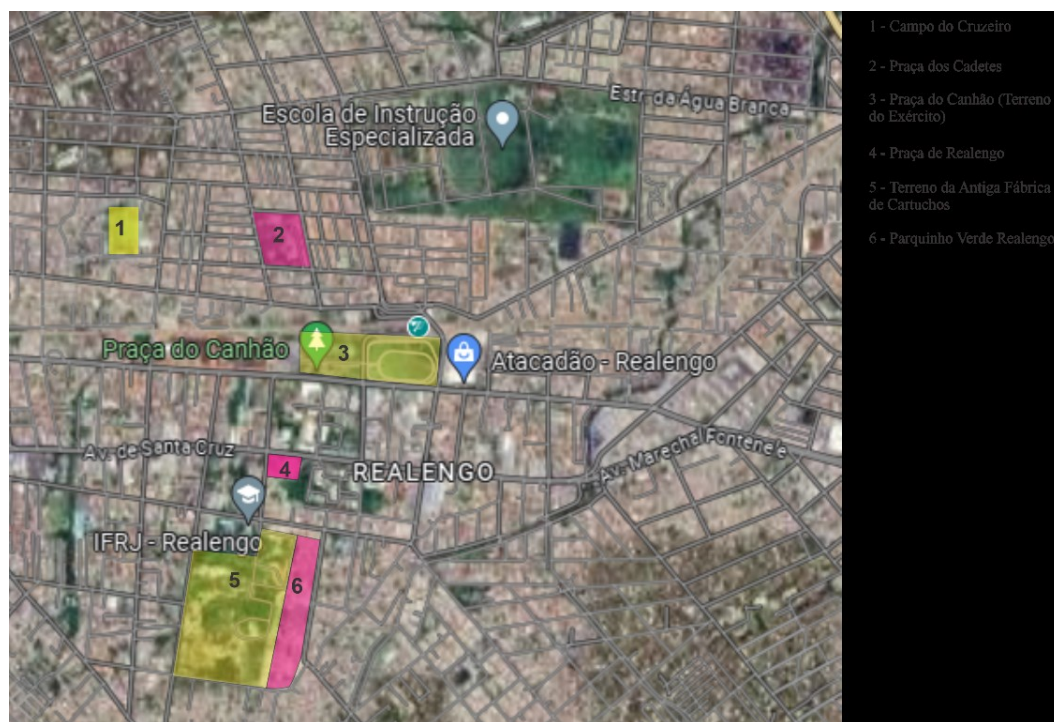


Fig.16: Espaços livres, Realengo, Rio de Janeiro.

Fonte: Google Maps, com modificação do autor.

Após a desativação da Fábrica de Cartuchos, o FHE (Fundo de Habitação do Exército), teve a intenção e o desejo de implantação de conjunto habitacional para os militares, área essa que pertence ao Exército Brasileiro. Este empreendimento que se fosse implantado naquele espaço, provocaria os mesmos problemas que corroborariam ainda mais para a falta de espaços de lazer. O que iria de encontro ao interesse da população que ocupou uma parte lateral da fábrica, transformando-a em um espaço de lazer, o qual denominaram de Parquinho Verde Realengo.

Assim, o bairro de Realengo exemplifica uma tendência observada em diversas regiões urbanas, especialmente em cidades com crescimento acelerado, que é a elevada ocupação do território e necessidade de espaços livres. Isso, somado à crise ambiental faz urgente a necessidade de espaços livres de qualidade para a população,

especialmente em áreas mais vulneráveis.

Ao longo das últimas décadas, Realengo passou por um processo de adensamento populacional significativo. Esse fenômeno pode ser atribuído a diversos fatores, incluindo a urbanização crescente, a pressão imobiliária, a falta de um planejamento urbano, entre outros fatores. Concomitante a isso, têm pouquíssimos espaços livres de edificações, o que contribui para as altas temperaturas no bairro.

Nessa situação, cabe destacar os aspectos geográficos e climáticos do bairro que influenciam bastante no bairro. Nesse contexto, ressaltar-se o que o relevo presente é predominantemente acidentado com a presença dos maciços da Pedra Branca e do Gericinó (Fig. 17). O maciço do Gericinó está disposto na orientação Leste-Oeste e é dividido pelo vale do Guandu do Sapê em duas fundamentais serras, a do Mendanha e de Madureira.

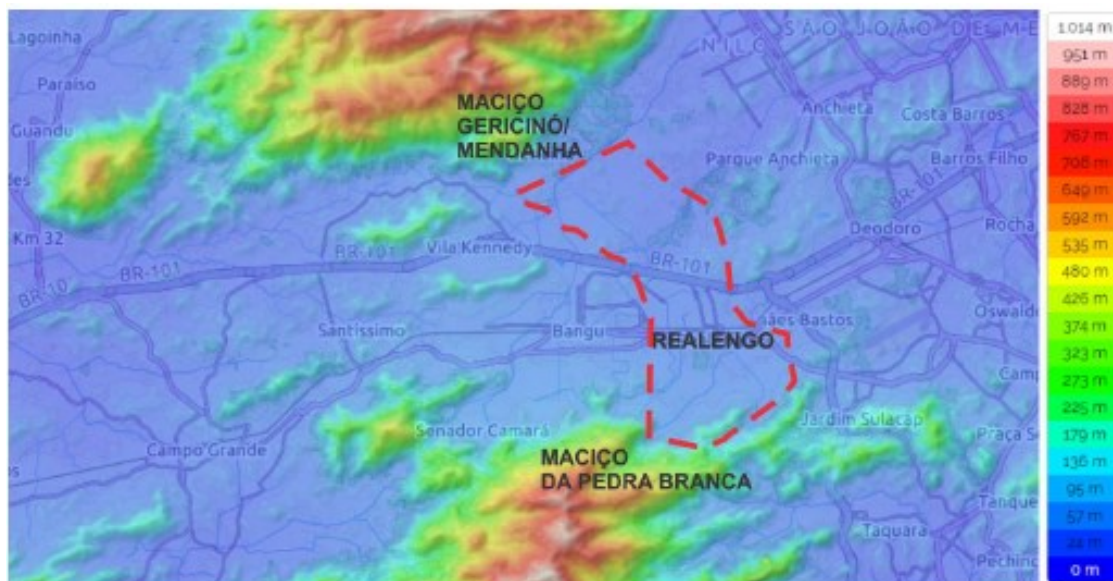


Figura 17: Mapa topográfico maciços da Pedra Branca e do Gericinó, Realengo - RJ

Fonte: <http://pt-br.topographic-map.com/places/Realengo-3719826/>

Outro fator importante de ser comentado é o aspecto climático, uma vez que os elementos climáticos são aqueles que representam os valores relativos a cada tipo de clima, ou seja, a temperatura, a umidade do ar, as precipitações e os movimentos do ar (Romero, 2000 apud PANIAGO, 2018). Desse modo, analisando os dados em relação à precipitação, nota-se que o mês em que se registra grande quantidade de chuvas é o de novembro e o com a menor quantidade é o mês de fevereiro (Fig. 18).

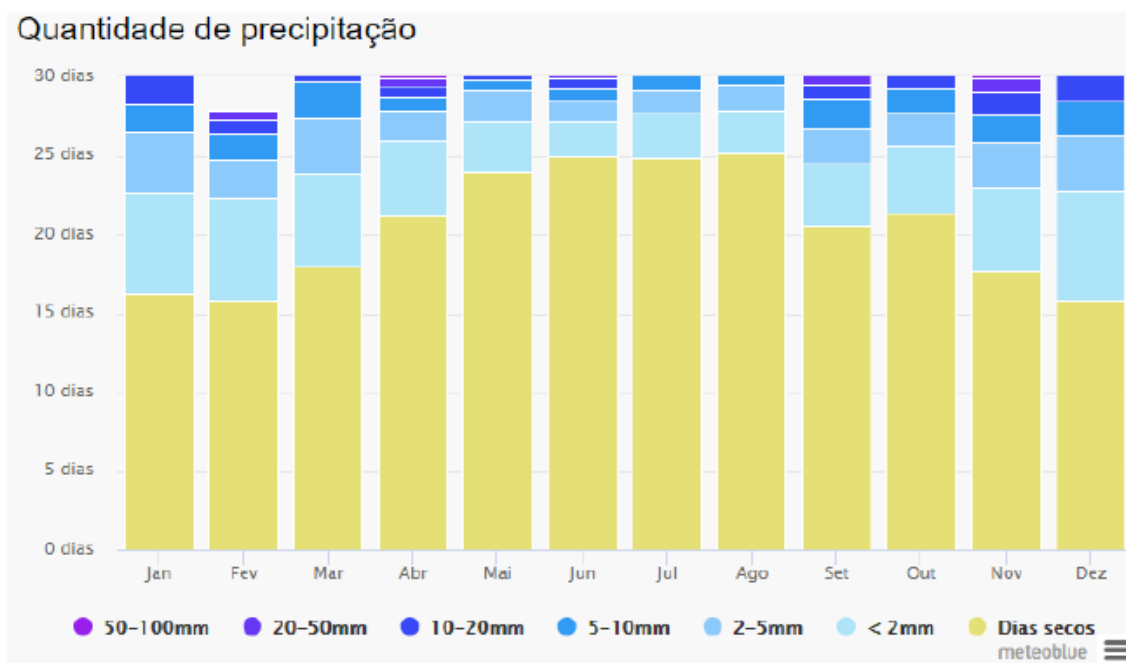


Figura 18: Gráfico de precipitação.
Fonte: Meteoblue.com

Observa-se, diante do regime de distribuição de chuvas apresentado, a importância dos espaços livres, que podem e precisam ser vistos como espaços que auxiliem nas absorções de água da chuva nos meses de maiores precipitações. Tendo em visto que o bairro sofre com problemas relacionados, por exemplo, as questões de enchentes e inundações, corriqueiras no bairro.

Para melhor compreensão do que vem sendo discutido, observa-se um dado importante que abarca a região metropolitana do Rio de Janeiro, onde há predominância do clima tropical semiúmido, apresentando uma temperatura média de 24°, com chuvas abundantes no verão e invernos secos. Além disso, apresenta pluviosidade que ultrapassa os 1.500 mm anuais. Isso reflete bastante nos aspectos climáticos no bairro de Realengo.

O clima da Zona Oeste/RJ é um dos que registra as mais altas temperaturas da cidade, como também as mais baixas (temperaturas máximas acima de 30°C e a temperaturas mínimas em torno dos 19°C), formando grandes ilhas de calor no bairro. Essa situação é agravada pelo adensamento acelerado do bairro, aliado a supressão dos poucos espaços livres (Fig.19).

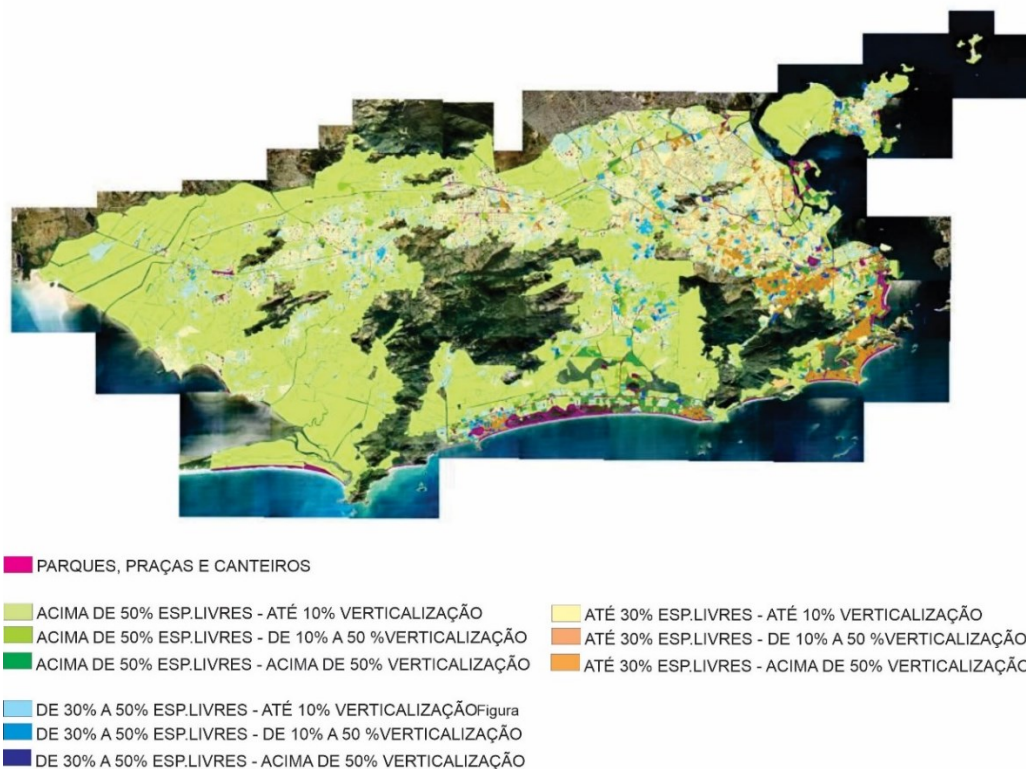


Figura 19: Mapa de espaços livres e verticalização da cidade do Rio de Janeiro.
Fonte: SEL-RJ.

Cabe também ressaltar, que com esse adensamento populacional e a supressão dos espaços livres, o bairro de Realengo foi crescendo também com conflitos sociais, a miscigenação de usos e formas urbanísticas devido aos contrastes presentes entre uma grande concentração populacional frente aos poucos espaços livres ainda presentes no bairro.

Nessas circunstâncias, as lutas pelos espaços livres se acirraram. Os poucos espaços livres restantes tem sido alvo de disputas ora para a especulação imobiliária, ora para que o bairro tenha mais infraestrutura e espaços lazer. O bairro conta com alguns espaços livres, o que inclui espaços residuais e vazios urbanos. Dentre estes, destaca-se o vazio urbano da Fábrica de Cartuchos de Realengo (situada na zona central) que foi construída no final do século XIX (Fig.20) e desativada no final da década de 1970 e o espaço residual adjacente à Antiga Fábrica.



Figura 20: Fábrica de Cartuchos de Realengo, 1917.

Fonte: <https://benfeitoria.com/projeto/avanteparquinhoverde>.

É nesse contexto de lutas, que começam alguns movimentos de ocupação, como por exemplo, o denominado Movimento Pró Escola Técnica, que traz a luta pelo Colégio Pedro II e um campus do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) no local onde fica a Antiga Fábrica de Cartuchos. Além disso, tem o Movimento Parque Realengo Verde, que é derivado desse primeiro movimento, que mais tarde veio a se chamar Movimento Parquinho Verde Realengo e foi resultado da ocupação do espaço residual adjacente à Antiga Fábrica de Cartuchos.

Nesse contexto de lutas, a busca por um espaço de lazer e que melhorasse a qualidade de vida e a imagem do bairro de Realengo, fez com que surgissem alguns grupos, como por exemplo, o grupo Lata Doida (Fig.21), que se uniram a moradores e outras pessoas e viram o espaço residual urbano (denominado Parquinho Verde Realengo), que faz divisa com a Antiga Fábrica de Pólvora, como um espaço de potencial apropriação. É nessa circunstância, que o Parquinho Verde Realengo, o qual é visto como um espaço residual e como parte integrante de uma transformação urbana para a região, vislumbrado como um espaço possível de ser ocupado e também uma resposta à precária infraestrutura urbana, a insegurança e aos anseios de um lugar para o cumprimento da sua função social no bairro. Dito isto, o caso observado neste trabalho é o Parquinho Verde Realengo (nome que foi dado pelos moradores e pelo grupo Lata Doida), o qual é um espaço resultante de uma conformação de um vazio urbano e a rua que delimita esse local, localizado no bairro de Realengo - Zona Oeste/RJ.



Figura 21: Integrantes do Grupo Lata doida e moradores.

Fonte: @latadoida, 2023

Primeiramente, criou-se um espaço socialmente definido pelo resultado de um vazio urbano subutilizado (o terreno da fábrica de cartuchos). Vazio que permaneceu sem destinação de uso e ocupação proposto para área central do bairro e sendo palco de disputas e conflitos entre o Fundo de Habitação do Exército e moradores e colaboradores do parquinho, uma vez que, de um lado, o órgão do Exército teve o interesse de transformar o terreno da antiga Fábrica de Pólvora em habitações privadas e, do outro, o desejo de que o vazio urbano (terreno do FHE) fosse transformado em um parque urbano.

Arelada a essa disputa, a apropriação do espaço residual do Parquinho gerou novas situações para o local, que corroboraram para o que o lugar obtivesse novos significados e fosse habitado pela comunidade local com uma programação diversa. A ratificação do uso e apropriação do Parquinho Verde Realengo; também apresenta usos diversos, não apenas de acordo com o horário, mas ao longo de uma diversificada programação. Ao decorrer dos dias são dispostas dinâmicas como palestras de conscientização ambiental (Fig. 22), mutirão de limpeza, entre outras atividades. Também, eram apercebidos alguns comércios que influenciavam e alteravam a dinâmica do local



Figura 22: Palestra de conscientização ambiental.

Fonte: @latadoida, 2023

O terreno do espaço residual do Parquinho Verde, estava abandonado e desapropriado. O local é um espaço que aparenta existir à espera de um uso, uma atividade ou uma ocupação. Embora se encontrasse nessa situação, a subversão desse espaço é assistida de diversas formas, como por exemplo, a construção lojas – que se deu em conformidade com a construção do Parquinho, ocupando a lateral do espaço residual – e que acabou se tornando uma alternativa de uma fonte de renda para algumas pessoas do bairro, além de contribuir com a revitalização de parte da área, reforçando assim a luta pela criação do Parquinho Verde.

É importante também comentar que a elaboração e a consequente apropriação desse espaço, denominado Parquinho Verde Realengo, foram uma forma de reivindicar e transformar uma área que se encontrava subutilizada em espaço de lazer e cultura. Posteriormente à adesão na ocupação do Parquinho Verde, houve uma maior mobilização (Fig.23) para que além desse espaço residual fosse também redefinido o vazio urbano (Fábrica de Pólvora) na perspectiva de transformar de ambos os espaços em um parque urbano (Fig. 24).



Figura 23: Convite Mutirão de Limpeza
Fonte: Acervo pessoal, 2022



Figura 24: Mobilização e coleta de assinaturas para abaixo assinado.
Fonte: <https://realengoempauta.com.br/categoria/esporte/>. Acessado em 2022.

Essa reivindicação foi levada aos órgãos públicos, que se propuseram a ouvir os anseios da população. Tal situação proporcionou um debate acerca da utilização tanto do espaço ao lado da Fábrica (Parquinho Verde) quanto do terreno correspondente à própria Fábrica. A criação de um parque verde em Realengo, proposta durante a audiência pública de 2021 na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, reflete um importante debate sobre o equilíbrio entre desenvolvimento urbano e preservação ambiental. A área, que inclui o terreno da antiga fábrica de cartuchos da Fundação Habitacional do Exército (FHE) e espaços adjacentes, totaliza mais de 142 mil m² e representa uma oportunidade estratégica para oferecer benefícios socioambientais à comunidade.

A defesa do projeto "Parque de Realengo 100% Verde", liderada por figuras como o professor Fernando de Oliveira, do IFRJ, enfatiza o papel da área como uma solução para problemas urbanos, como a redução de ilhas de calor e a oferta de lazer e qualidade de vida para os moradores. Em contrapartida, o plano inicial da FHE para um empreendimento habitacional no local gera discussões sobre a necessidade de moradias versus a urgência de preservar áreas verdes em um contexto urbano. O professor destaca a importância da seguinte maneira:

“Se você pegar o mapa de calor, o entorno da área de Realengo vai a mais de 44o C. Com a área do Parque Realengo Verde, essa temperatura superficial reduz em pelo menos 20o C”
(Oliveira, 2022, camara.rio).

A audiência realizada no bairro de Realengo, também discutiu aspectos do plano diretor proposto em 2018 para a localidade. Nesse cenário, torna-se oportuno trazer alguns aspectos que foram amplamente debatidos e seguem os decretos da Câmara Municipal do Rio de Janeiro:

A CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

D E C R E T A:

Art. 1º Fica declarada como Área de Relevante Interesse Ecológico - ARIE Parque de Realengo Verde, área da antiga fábrica de cartuchos, localizada em Realengo.

Art. 2º São objetivos da Área de Relevante Interesse Ecológico – ARIE Parque de Realengo Verde:

- I - recuperar e preservar o ecossistema local;
- II - preservar os exemplares raros ameaçados de extinção;
- III - propiciar o estudo científico da flora e fauna da região;
- IV - promover o lazer, quando compatível com os demais objetivos da ARIE.

Outro fator importante a ser ressaltado, é a participação da Casa Fluminense no processo de discussão popular a respeito do desejo do Parque Urbano em Realengo, o qual é denominado Parque Verde Realengo. A participação da Casa Fluminense levou em consideração a Agenda Realengo 2030, onde foram discutidos aspectos pertinentes a melhoria da qualidade de vida e lazer da população. A agenda Realengo 2030 conta com os seguintes pontos:

- Produção do evento “Lata Ocupa”, em 2019, proposto pelo Ponto de Cultura Lata Doida com o apoio da Casa Fluminense, para revitalizar um espaço urbano ocioso. Esse espaço, somando esforços de diversos outros colaboradores, se transformou no que hoje conhecemos como Ocupação Parquinho Verde;

- Mobilização popular via financiamento coletivo por meio da plataforma Benfeitoria, pelo programa Bossa Nossa, com mais de 257 benfeitores, para seguir revitalizando o Parquinho Verde e promover o Festival Avante Parquinho Verde;
- Realização de reuniões online semanais e encontros presenciais desde 2020. Recebemos representantes do poder público para firmar nossa posição em relação à implementação do PRV em 100% do terreno disponível;
- Formação de 32 alunos pelo Curso de Políticas Públicas de Realengo, com o apoio da Casa Fluminense e do Instituto Clima e Sociedade, e em parceria com o Lata Doida e o IFRJ. Desse total, 56% moram em Realengo, 41% em outros bairros - em geral dentro da AP5 -, 56% se declararam pretos ou pardos e 44% brancos, 63% são mulheres (trans e cis) e 28% homens (trans e cis);
- Divisão em grupos de trabalho temáticos de participação aberta ao público, que, por fim, se tornaram cada um dos eixos aqui propostos. E a validação, em reuniões abertas, de cada uma das etapas de construção da Agenda.

A Agenda Realengo 2030 é um exemplo muito importante e inspirador no engajamento comunitário para a construção de políticas públicas inclusivas e efetivas. A proposta visa fomentar o diálogo entre a população, o Governo do Estado, a Prefeitura e diversos representantes políticos, assim como demonstrar a importância da participação cidadã na formulação de iniciativas que atendam às necessidades reais da mesma. Dito isso, a luta por um espaço de lazer em Realengo reflete uma demanda legítima por qualidade de vida e bem-estar, que só pode ser alcançada com a integração de diferentes esferas de poder e a escuta ativa da população. Essa abordagem colaborativa garante que as políticas públicas sejam mais representativas.

Além disso, cabe ressaltar que a Agenda Realengo 2030, homologada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, reforça a necessidade de cidades mais inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis. Ao trazer a comunidade para o centro do debate, a iniciativa não só fortalece a democracia participativa, mas também evidencia o potencial transformador.

Nesse sentido, a Agenda Realengo 2030 reforça o caráter da apropriação do espaço residual (situado ao lado da Fábrica de Cartuchos) e a massiva participação popular. É importante destacar ainda neste contexto, o desejo da população e dos colaboradores para que o vazio urbano da fábrica, somado ao espaço residual do Parquinho, fosse transformado em um parque urbano público. Entretanto, para a construção desse parque urbano, o Parquinho Verde Realengo iria ter que acabar e além disso, o comércio (Fig. 25) que ocupava parte do entorno terreno, na lateral da Fábrica de Cartuchos e o Parquinho, seriam removidos pela Prefeitura. Tais estabelecimentos eram vistos pelos órgãos de poder como barreiras para obra do Parque Urbano que seria implementado. Para que o Parque Realengo (nomeado, uma vez inaugurado em 2024, parque Suzana Napolini) fosse construído, as lojas localizadas no perímetro do Parquinho foram demolidas sem aviso prévio. Segundo o site Meu Rio (2022) “Na manhã de 6 de dezembro, sem aviso prévio, representantes da prefeitura chegaram no local com retroescavadeiras para derrubar mais de 40 estabelecimentos que há décadas eram fonte de renda para dezenas de comerciantes locais.”



Figura 25: Vista de alguns comércios presentes no entorno da Fábrica de Cartuchos.
Fonte: Google Maps, 2023.

Ademais, concomitante a esses episódios, a área toda passou por modificações de forma abrupta, por etapas sucessivas e cíclicas de intervenção que acarretaram diversas transformações morfológicas e o tornaram o que é hoje (2024). Daí surge a importância de se compreender as principais transformações de uma área que sofreu diversas modificações ao longo do tempo e que teve a apropriação do espaço residual como um fator importante na sua reconfiguração. De alguma e várias maneiras, os processos de uso e apropriação do espaço residual Parquinho Verde e seu entorno, originadas em ações populares organizadas e outras de caráter mais improvisado e sem maior organização popular, contribuíram para o nascimento do parque urbano atual.

Nessas circunstâncias, a seleção para estudo de caso para esta pesquisa se deu em função destas características físicas e sociais peculiares. Com diferentes formas de apropriação, o local analisado ao longo do trabalho, apresenta potencial para apropriação pública. De usos variados, torna-se oportuno destacar que a região em que se encontra o espaço residual Parquinho Verde Realengo apresenta diversos equipamentos como escolas, creches e sedes de ensino universitário, entre outras instituições e fundações que atendem pessoas em situação de vulnerabilidades social, além de clínicas e hospitais nos arredores (Fig. 26).

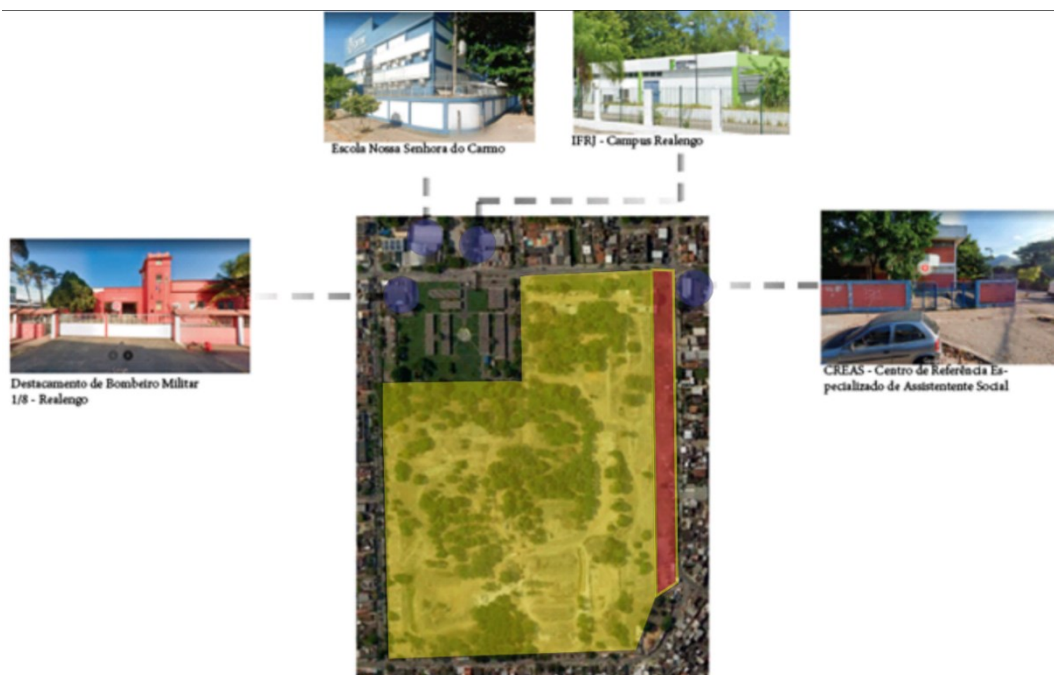


Figura 26: Equipamentos na área da Antiga Fábrica de Cartuchos (em amarelo), Parquinho Verde Realengo (em vermelho) e entorno imediato.
 Fonte: Google Maps, 2023, com modificações do autor.

Esta conjuntura do espaço residual do Parquinho Verde Realengo e dos espaços residuais do bairro de Realengo, pode ser lida como a conformação do lugar que surge entre a escala do indivíduo e a escala infraestrutural e os modos de ocupação do espaço residual. Espósito (2020) ao analisar os espaços residuais do Teleférico do Complexo do Alemão, traz uma contribuição para o trabalho que está sendo desenvolvido aqui. Para Espósito (2020) “A forma de ocupação desse espaço residual, por seu lado, pode ser assumida como resultado da componente espaço-afetivo, entendida como uma relação de identidade com o lugar” (Espósito, 2020, p.282). É nessa perspectiva que também se manifesta a importância de compreender a relação dos meios de ocupação dos espaços residuais de Realengo, a partir da sua apropriação.

4. ANÁLISE DOS VAZIOS URBANOS E ESPAÇOS RESIDUAIS DE REALENGO

Os vazios Urbanos

A presença e permanência de vazios urbanos no tecido urbano consolidado do bairro de Realengo são indicativos de desigualdades e injustiças sociais. Isso se deve, em parte, à disparidade na distribuição de infraestrutura e serviços entre a área central e as regiões mais periféricas do bairro. Além disso, são oriundos do processo de ocupação e adensamentos crescentes da região.

Na região relativamente afastada do centro, identifica-se pelo agravamento deste panorama imposto pelos estados de suas infraestruturas que inúmeras vezes, devido ao pouco ou nenhum investimento, encontram-se subutilizadas ou precisando de manutenção, contribuindo para uma situação de piora dos vazios urbanos e dos espaços residuais do bairro.

Borde (2006) ao referir-se aos vazios urbanos e o que define esses espaços, retrata-os da seguinte maneira: “[...] são aspectos formais, funcionais, políticos e simbólicos, relacionados à sua condição central” (Borde, 2006, pg. 81). Isso, também é percebido em relação aos vazios urbanos presentes em Realengo, já que esses fatores citados influenciam nesses espaços no bairro e alteram a dinâmica local.

É perceptível na área central e mais valorizada a dominância de loteamentos com infraestrutura disponível e carentes em condição de vazios urbanos, entre elas áreas militares, hospital, praças, entre outros.

Outro fator importante de se comentar, é que no caso do bairro de Realengo, percebe-se um outro estrato de dificuldades sucessivas que se soma ao problema e a presença dos vazios urbanos: há loteamentos públicos, edificadas ou não, alguns deles históricos, em que ainda se perpetua uma disputa pelos espaços vazios entre o proprietário e a União, o Governo do Estado ou o Governo Municipal e suas respectivas autarquias. Alguns desses loteamentos sofreram e sofrem com a dubiedade e o descaso por décadas e encontram-se abandonados e/ou subutilizados, sendo corroborados também pela retenção especulativa.

“A retenção especulativa, por outro lado, pode ser compreendida como o ato de manter terrenos ou edifícios propositalmente vagos ou subutilizados, por longos períodos de tempo, na expectativa de que novos movimentos do mercado ou investimentos públicos elevem seu valor, quando então os imóveis serão desenvolvidos ou postos no mercado” (SOUZA, 2014 apud MONTEIRO, 2020, p. 39).

Nessa perspectiva, cabe tecer um comentário acerca da posse dos vazios urbanos presentes no bairro de Realengo, uma vez que região se desenvolveu a partir de instituições militares e que com o passar do tempo e o grande adensamento populacional foram tendo os vazios urbanos ocupados e os poucos que restaram, ou encontram-se em posse dos militares ou são terrenos privados. Posto isto, o que se nota é que os vazios urbanos remanescentes estão associados à retenção especulativa esperando obter algum lucro com esses terrenos e em alguns casos, acabam sendo privatizados, como é o caso do terreno ao lado do viaduto novo de Realengo, que estava em posse do Exército Brasileiro e foi vendido ao capital privado. Hoje é um supermercado localizado na área central do bairro.

Apesar de existirem vazios urbanos em Realengo, - e como normalmente acontece na cidade – estes não estão destinados a atender as necessidades da população. Áreas como a Antiga Fábrica de Cartuchos (Fig.27), por exemplo, encontram-se abandonadas, representando uma oportunidade perdida para a comunidade. Além disso, a área da Fábrica era vista como um espaço de lixão, assim como a lateral externa do terreno. Esse espaço poderia ser reaproveitado para funções que promovam o convívio social, cultura e preservação ambiental e, nesse contexto, foram de suma importância algumas articulações, como por exemplo, a relação com a Comlurb (Responsável pela coleta de lixo e resíduos) para retirada dos resíduos e detritos no local da lateral da Fábrica.



Figura 27: Área da Antiga Fábrica de Cartuchos abandonada.
Fonte: Blog Pró Realengo, 2013.

É importante observar que a Praça do Canhão é um exemplo de espaço acessível, entretanto com atividades restritas devido à sua destinação militar (Fig.28). Essa limitação impede a plena integração da população e reduz a diversidade de usos.



Figura 28: Praça do Canhão (pista de atletismo e campo de futebol)
Fonte: Blog Pró Realengo, 2013.

A necessidade de melhoras urbanas em resposta à carência de espaços públicos de qualidade com funções culturais, ambientais e sociais, evidencia a urgência de políticas públicas que estimulem a requalificação de terrenos subutilizados e a criação de áreas acessíveis e inclusivas. Isso é fundamental para atender às necessidades de um público diverso e fomentar a qualidade de vida na Zona Oeste.

Muitos desses espaços em condição de vazio urbano, têm sido alvo de propostas e projetos emblemáticos. Dentre as quais, está o ambicioso projeto do FHE (Fundo de Habitação do Exército) para da antiga Fábrica de Cartuchos, localizado em Realengo, no Rio de Janeiro, está sob posse do Exército Brasileiro e vinculado ao FHE e encontra-se subutilizado (Fig.29). A proposta para este espaço é a construção de habitações que sigam o modelo de condomínios fechados, oferecendo infraestrutura e equipamentos de lazer e segurança característicos desse tipo de empreendimento. O público-alvo prioritário seria formado por militares e seus familiares, em uma iniciativa semelhante à da Vila Militar, bairro próximo a Realengo, que já segue esse padrão de ocupação e organização residencial. Tal projeto é bastante questionado, inclusive por moradores da região, que alegam que o bairro não precisa de mais condomínios e sim, de áreas verdes e de lazer.



Figura 29: Antiga Fábrica de Cartuchos Realengo.
Fonte: Lucas Vicente Loyola.

Essa situação evidencia a ideia da especulação imobiliária no vazio urbano da Antiga Fábrica de Cartuchos por parte do Exército Brasileiro. Para Cantal (1999) “a especulação fundiária une-se à escassez de infraestrutura e serviços urbanos para assumirem o papel de mantenedoras dos vazios urbanos. A questão da especulação vincula-se não tão somente a propriedade privada da terra como também do capital incorporador” (Cantal, 1999, p.11). Tal afirmação da autora pode ser associada aos vazios urbanos em Realengo, que se encontram nessa situação devido à sua subutilização e má gestão.

No contexto da organização e dinâmica do tecido urbano do bairro de Realengo, torna-se oportuno comentar e destacar a influência dos espaços públicos, como a Praça do Canhão e a Praça de Realengo (Fig. 30 e Fig.31), por exemplo. Esses locais desempenham um papel fundamental na estruturação e organização territorial do bairro, sendo alguns dos poucos espaços residuais e vazios urbanos na área central.



Figura 30: Praça do Canhão (Área do batalhão do Exército) - Realengo, RJ.
Fonte: Acervo autoral.



Figura 31: Praça de Realengo, Realengo – Zona Oeste, RJ.
Fonte: <https://pt.foursquare.com/v/pr%C3%A7a-padre-miguel/4db82546be4d1982d2b4e29a?openPhotoId=52345f3f498e953403f9d7b8>

Os espaços Residuais

Os poucos espaços livres no bairro, muitos deles residuais, tem se configurado como espaços inseguros, focos de violência, como é o exemplo do Viaduto de Realengo (localizado na zona central do bairro). Neste local, tem ocorrido assaltos e outros problemas relacionados à segurança, além disso, esse espaço residual conta não só com a falta de manutenção, gerando assim uma sensação de abandono, o que reduz drasticamente sua apropriação. Vicalci (2022) afirma que “este potencial de abrangência quanto à apropriação dos espaços públicos vem também sendo fortemente cerceado pela difusão do medo, associado à violência urbana, inicialmente vinculada às grandes cidades, apresentando na atualidade, generalizações na realidade e no imaginário também das médias e pequenas cidades” (Mendonça 2007, p. 305 apud Vicalvi, 2022, p.32).

Posto isto, é importante notar também que a presença e dinâmica dos espaços residuais em Realengo podem destacar aspectos positivos. Ressalta-se, com a evidência desses espaços, um aspecto interessante da dinâmica urbana do bairro, especialmente em alguns lugares próximos a área central e objeto de estudo (Parquinho Verde). Alguns dos poucos espaços livres presentes no bairro, muitas vezes se tornam pontos de encontro e até mesmo de construção de comunidades informais. Esses processos podem resultar na transformação dessas áreas, especialmente as residuais, em locais habitáveis e permanentemente ocupados, embora também podem gerar tensões e desafios para os moradores e autoridades locais. No entanto, é interessante notar que essa ocupação nem sempre acontece de maneira pacífica, havendo conflitos e disputas pelo uso desses espaços ao longo do tempo.

Conforme Rennó (2022) ao falar sobre o conceito de espaço residual destaca-o como “elemento importante para a criação, um corte na rigidez do desenho da cidade, e por isso mesmo, redescoberto por artistas, jovens e crianças, o espaço residual no Brasil é apropriado pela necessidade, ainda que isso não signifique que nestas comunidades não exista um processo criativo e cultural intenso” (Rennó, 2022, p. 71). Percebe-se desse modo, que os espaços residuais podem abarcar diversas expressões, como lugares de cultura, convivência, entre outros e também são lugares de resistência e apropriação dos espaços residuais. É o caso do Parquinho Verde.

É nessa perspectiva que cabe tecer um olhar mais abrangente e atento sobre os espaços residuais do bairro de Realengo e suas formas de uso e apropriação, além da resistência desses lugares em meio a lutas contra a subutilização e o descaso. O Espaço Cultural Viaduto de Realengo (Fig. 32) – localizado na área central do bairro, próximo à linha férrea -, é um dos exemplos desse processo criativo e de resistência desse espaço residual, pois o local valoriza e promove diversas formas de expressão artística e cultural. É interessante perceber iniciativas como essa surgindo em áreas periféricas, onde em muitas ocasiões a arte e a cultura não recebem tanta atenção quanto em áreas mais centrais. Esse tipo de espaço residual não apenas oferece oportunidades para artistas locais mostrarem seus talentos, mas também enriquece a comunidade ao proporcionar acesso a diversas formas de arte e cultura, justificando o papel social dos espaços residuais e suas formas de resistência.



Figura 32: Espaço Cultural Viaduto de Realengo

Fontes: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=mID2T1emdIE>

Nesse contexto, torna-se oportuno trazer ao cerne do debate a situação do espaço residual do Parquinho Verde Realengo, que muitas das vezes é visto como um lugar marginal, que passa insegurança, entre outros fatores, mas não deve ser visto apenas como uma sobra ou resto que permanece fora da dinâmica urbana. Desse modo, ao analisar e percorrer os trechos entre as ruas Professor Wenceslau e General Raposo (ruas próximas a área central e local onde está situado o parquinho), observa-se pouca ou quase nenhuma infraestrutura para que os moradores e outras pessoas usem e se apropriem de modo adequado do lugar. Este espaço é ocupado de maneira improvisada pelos moradores e comerciantes, os quais dividem o uso do espaço do Parquinho Verde, como pode ser visto pelo mapa a seguir (Fig.33).



Figura 33: Mapa de uso e apropriação do espaço residual e Parquinho Verde.
Fonte: Google Maps, com modificação do autor.

Este espaço residual está situado em ruas de passagens e grandes fluxos, o que corrobora também para trazer ao local uma apropriação diversa de pessoas e hábitos. Essa diversidade é vista como uma oportunidade para abordar diferentes culturas, personalidades e usos e apropriações, contribuindo para um ambiente rico e inclusivo. Além disso, a localização e ocupações contribuem bastante e podem ajudar a promover interações diversas e enriquecedoras entre os frequentadores do espaço. É interessante ver como os diferentes meios de ocupação podem influenciar não apenas a atmosfera de um lugar, mas também as percepções e comportamentos das pessoas que o frequentam, podem gerar um ótimo espaço de convivência.

Como destaca Rennó (2007) “Mais especificamente, os elementos residuais são resultantes dos processos culturais e de sistemas de maior “aquecimento”, onde os processos culturais se dão em maior velocidade, são gerados com maior frequência, e possuem principalmente a capacidade de absorver o que há de residual em outros sistemas e neles próprios” (Rennó, 2007, 102). Assim, o espaço residual do Parquinho Verde Realengo abrange essa importância de se absorver a residualidade e ocupar o local, sendo um desses meios a promoção de eventos culturais, por exemplo, propiciando um espaço de convivência e ponto de encontro entre as pessoas. Dessa maneira, o local acaba sendo uma forma de não só afastar a criminalidade e o descaso com o local, como também de transformar esse espaço residual, que há muito tempo é negligenciado.

Transformar o espaço residual em espaço coletivo para atividades ao ar livre,

não apenas promove um estilo de vida mais saudável, mas também fortalece a coesão social e os valores democráticos ao oferecer oportunidades de interação e participação comunitária. Nesse contexto, o espaço residual do Parquinho Verde Realengo tem se tornado um verdadeiro ponto de encontro para pessoas de diferentes origens e idades, contribuindo para o bem-estar e a qualidade de vida de todos os envolvidos.

Em entrevista concedida a mim em 2023, um dos moradores e colaboradores do Parquinho Verde Realengo, destaca 2019 como um ano importante para a apropriação do espaço residual, pois passou a realizar atividades de lazer e socioambiental, naquele espaço. O depoimento sublinha 2019 como um marco significativo, quando a comunidade transformou um local subutilizado em um espaço de convivência, nas palavras: “Muita satisfação de poder estar no local que ajudei a construir, em 2019. Atribuição aos equipamentos de lazer alcançados e ao jardim que fizemos”.

Esse relato evidencia a importância da apropriação comunitária de espaços urbanos, como o caso do Parquinho Verde Realengo. A fala do morador demonstra a satisfação de participar diretamente na construção do espaço, atribuindo o sucesso do projeto à instalação de equipamentos de lazer e à criação de um jardim, elementos que não só revitalizaram o local, mas também fortaleceram o senso de pertencimento e colaboração entre os moradores.

Nessa circunstância, percebe-se a importância da revitalização de uma área em Realengo, na zona oeste do Rio de Janeiro, destacando o impacto positivo da criação da Ocupação Parquinho Verde e a luta pelo Movimento 100% Parque de Realengo Verde. Essa iniciativa busca transformar o terreno abandonado da antiga fábrica de cartuchos, com cerca de 142 mil metros quadrados, em um parque ecológico.

A ocupação Parquinho Verde tem desempenhado um papel central na mobilização dos moradores, coletivos e instituições, promovendo arte, cultura, sustentabilidade e desenvolvimento local. O espaço se tornou um símbolo de resistência e participação comunitária, ao mesmo tempo que atende demandas básicas e transforma o local em um ponto de encontro para a sociedade.

A luta, iniciada em 2019, reflete o desejo de criar um parque urbano em Realengo, resgatando uma área abandonada e dando a ela um propósito social, cultural e ambiental. Essa transformação, contou com a mobilização (Fig.34) da comunidade na área onde futuramente seria um espaço de lazer e se chamaria Parquinho Verde. Isso mostra e exemplifica como mobilizações populares podem trazer benefícios concretos para a comunidade e o meio ambiente.



Figura 34: Mobilização no espaço residual ao lado da fábrica de cartuchos (futuro Parquinho Verde).

De acordo com o que vem sendo discutido aqui, o espaço residual em muitas ocasiões advém como uma consequência não intencional de intervenções, sejam elas por falta de infraestrutura para espaços de lazer, como resquícios de outras construções, como é o caso do Parquinho Verde Realengo. Contudo, esse espaço que fica entre a infraestrutura criada (vazio urbano da Antiga Fábrica de Cartuchos) e o a rua que margeia esse espaço, e que acaba por muitas vezes deslocando ou marginalizando as pessoas que se apropriam desse espaço, é visto como um espaço que deve ser evitado, devido a alguns fatores como a falta de iluminação, descaso, entre outros. Essa situação, pode levar à estigmatização dos habitantes locais e também pode ter impactos sociais, econômicos e culturais significativos na comunidade.

Nesse contexto, cabe destacar a importância das mobilizações que foram apoiadas pela Casa Fluminense, através de um edital elaborado pela mesma, no fortalecimento da participação cidadã e no planejamento da apropriação do espaço residual do Parquinho Verde Realengo. Essas ações resultaram em dois marcos significativos em 2022: o Curso de Políticas Públicas de Realengo e a elaboração da Agenda Realengo 2030. Ambos os eventos consolidaram e deram forças a proposta de criação do Parque 100% Verde, que foi considerada a primeira proposta concreta de política pública para o bairro. Essa iniciativa reflete um avanço importante na construção de políticas públicas sustentáveis e participativas, voltadas para o desenvolvimento local.

O processo de luta contou também com o papel significativo do Movimento Parque Realengo Verde, contando com o a mobilização do Ponto de Cultura Lata Doida, sendo feita também por meio de uma proposta de projeto (Fig.35), enviado a Casa Fluminense mais voz a luta pela criação de um parque verde no terreno da antiga fábrica de cartuchos e em sua área adjacente. Apesar de o fazer político em contextos periféricos muitas vezes estar associado a práticas como assistencialismo, clientelismo e currais eleitorais, o movimento demonstra uma abordagem mais ampla e robusta, envolvendo uma pluralidade de atores e organizações da sociedade civil.

Nome do projeto: Lata Ocupa

Apresentação

O projeto Lata Ocupa é, basicamente, um evento de ponto de partida de uma ocupação cultural e ambiental permanente da Associação Grupo Cultural Lata Doida e parceiros em uma área pública, abandonada, no entorno da antiga fábrica de cartuchos de Realengo, onde um movimento de moradores luta há décadas para que se torne um Parque Ambiental Público. A proposta é que o evento desenvolva um conjunto de atividades divididas entre os dias 27/07 e 28/07(sábado e domingo) de 9hs às 22hs.

Atividades

- Oficina de bioconstrução e Teto Verde (Instituto Verdejar e Teto Verde Favela)
- Mutirão de limpeza da área
 - Construção de horta de ervas medicinais
- (Misael Medeiros - Ativista ambiental - Independente - Morador da Comunidade do Batan)
- Sarau com artistas locais e show do Lata Doida
- Roda de conversa sobre Sustentabilidade Local e Cultura - Lideranças comunitárias, movimentos sociais, produtores culturais, educadores,

Figura 35: Proposta do Ponto de Cultura Lata Doida enviado a Casa Fluminense.
Fonte: Vandr , 2024.

Esse processo de luta destaca um momento significativo de mobilização e engajamento coletivo em torno da luta pelo espaço público representado pelo Parquinho Verde. Em 2019, a ocupação artístico-cultural conseguiu maior visibilidade à causa, conseguindo agregar diferentes atores, como artistas, moradores e outras pessoas interessadas. Essa mobilização não apenas focou no cuidado imediato do espaço, mas também promoveu discussões mais amplas sobre temas como o direito à cidade e o uso democrático dos espaços públicos.

Essa pluralidade reflete um engajamento social e político que ultrapassa as práticas tradicionais, com uma atuação estratégica nos três poderes — executivo, legislativo e judiciário — para assegurar a destinação do terreno para fins ambientais e comunitários. A luta, portanto, simboliza uma resistência, uma desestigmatização e que busca consolidar novos modos de pensar e praticar a política pública, valorizando a participação coletiva e o impacto socioambiental na região.

Toda essa luta ao longo do tempo construiu a história de luta de moradores e sociedade civil organizada do território de Realengo, que disputou a construção do Parque no bairro onde era o Parquinho Verde e o terreno da antiga Fábrica de Cartuchos.

Em 2022 tiveram inícios as obras para implementação do Parque Urbano em Realengo, embora as obras tivessem aval para iniciarem houve conflitos em relação às construções que ocupavam parte do local. No dia 6 de dezembro de 2022, uma operação liderada pela Secretaria de Ordem Pública e pela Subprefeitura da Zona Oeste

resultou na demolição de 44 construções irregulares (Fig.36) nas ruas Pedro Gomes e General Raposo, em Realengo, sem aviso prévio aos ocupantes. Essas edificações, erguidas sobre as calçadas e sem autorização da Prefeitura, estavam obstruindo a área destinada às obras do Parque Realengo Susana Napolini.



Figura 36: Demolição de construções irregulares para início das obras do Parque Realengo Susana Napolini.

Fontes: Prefeitura do Rio de Janeiro.

A ação mencionada gerou confrontos e destacou os desafios de equilíbrio entre a necessidade de requalificação urbana e o impacto social para aqueles que ocupavam os imóveis demolidos. Percebe-se que intervenções desse tipo frequentemente enfrentam críticas, especialmente quando há ausência de notificações antecipadas ou medidas para mitigar os efeitos sobre os afetados. A iniciativa, entretanto, reflete o compromisso do município em avançar com projetos como o Parque, que visa beneficiar a coletividade.

No dia 15 de junho de 2024, após diversos diálogos e embates, a prefeitura do Rio de Janeiro após 2 anos de obras (2022-2024), inaugurou o Parque Urbano no bairro, que foi intitulado de Parque Realengo Jornalista Susana Napolini. A inauguração do Parque Urbano Realengo Jornalista Susana Napolini (Fig.37) é um marco importante na história do bairro de Realengo e uma vitória para os moradores e a sociedade civil organizada. Este espaço é fruto de anos de luta e articulação em torno de um projeto que vai além do lazer: ele simboliza um avanço nas demandas por justiça climática, inclusão social e melhoria na qualidade de vida. Cabe ainda destacar, que a escolha do nome do parque é uma justa homenagem à jornalista Suzana Napolini, conhecida por sua postura ética, sensível e determinada ao abordar as questões que afetam a vida dos cidadãos cariocas. Suzana atuava como uma ponte entre a população e o governo, cobrando melhorias com respeito, responsabilidade e foco no interesse público.



Figura 37: Inauguração do Parque Realengo Susana Napolini.
Fontes: Prefeitura do Rio de Janeiro.

A implementação do parque em Realengo representa uma grande vitória da população, o que foi percebido na sua inauguração do parque com presença massiva da população. Além disso, o Parque Realengo Jornalista Suzana Napolini é um exemplo inspirador de mobilização comunitária e participação cidadã. Localizado em Realengo, no Rio de Janeiro, este espaço simboliza a força coletiva e o empenho da população em transformar seu entorno em um ambiente mais saudável, sustentável e acolhedor.

O parque, que inclui grande parte do terreno da antiga fábrica e todo o espaço do Parquinho Verde, é mais do que um espaço de lazer. Ele representa a importância da participação ativa da sociedade na construção e na manutenção de seus direitos. A mobilização para sua criação ressalta que, quando a comunidade se organiza, é possível alcançar conquistas significativas e deixar um legado para futuras gerações.

A concretização do Parque Urbano Realengo Jornalista Suzana Napolini representa mais do que uma área verde: ela integra uma visão maior estabelecida pela Agenda Realengo 2030, que busca um desenvolvimento sustentável para o território. Iniciativas como hortas comunitárias e espaços de coworking mostram que a proposta é abrangente, envolvendo tanto questões ambientais quanto econômicas e sociais. O fato de o parque estar atualmente com 50% de sua área disponível demonstra que, embora muito tenha sido conquistado, ainda há trabalho pela frente para expandir e consolidar o projeto. Contudo, a adesão dos moradores ao espaço desde sua inauguração reforça o quanto ele era aguardado e necessário.

É importante destacar nesse contexto, que todo esse processo faz parte da Agenda Realengo 2030. Segundo Fluminense (2024) as propostas da agenda vêm sendo cumpridas, a Casa Fluminense destaca: "Para a Agenda foi uma grande satisfação ver que a proposta nº 1 da nossa publicação se concretizou, mas também constatar que outras propostas foram se cumprindo nesse processo, como as hortas comunitárias e espaço de coworking, por exemplo. Ver esse sonho materializado reafirma que a gente pode – e deve – sonhar". A fala da **Casa Fluminense** sublinha o valor de uma agenda participativa e comunitária, reafirmando que a construção de sonhos coletivos é possível com organização e persistência. Este é um exemplo de que

transformações urbanas sustentáveis e significativas podem ocorrer quando há diálogo entre poder público e sociedade civil.

Ademais, é importante atentar quanto às condições de uso e apropriação do espaço residual do Parquinho Verde Realengo, destacando algumas características presentes no local: o espaço residual do Parquinho Verde mesmo com a ocupação, ainda sofre com alguns problemas antigos, como o despejo de resíduos, por exemplo. Outra questão de grande relevância, é que esse terreno vem sofrendo também com a falta de infraestrutura, sem nenhum aporte do poder público seja em equipamentos ou para limpeza dos resíduos. Essa área evidencia um dos problemas relacionados aos espaços residuais.

Para Rennó (2007) “É preciso compreender em que medida a residualidade gerada pela exclusão e ignorância em relação a saberes populares e organização dos grupos sociais periféricos é um processo que impede que se crie necessária elasticidade cognitiva da qual se beneficiariam tanto “excluídos” quanto “excludentes” (Sousa Santos, 2006, p. 313 apud Rennó, 2007, p. 102). O pensamento da autora vai ao encontro do que vem sendo explicitado aqui a respeito dos espaços residuais, em especial o caso do espaço residual do Parquinho Verde Realengo, uma vez que se espaço for visto de forma que possa agregar em benefícios para todos os cidadãos do bairro, colaboraria para uma nova percepção espacial.

Cabe também argumentar que os espaços residuais de Realengo, mesmo que silenciados e relegados ao status de resíduo, podem representar uma oportunidade para repensar e reconstruir conhecimento, os meios de apropriação, entre outros fatores. Essa abordagem envolve um compromisso político, pois trata de grupos sociais, espaços e objetos cujo conhecimento é muitas vezes marginalizado.

Atividades e Ferramentas da apropriação

É importante destacar algumas atividades e ferramentas que contribuem para o uso e apropriação do espaço residual do Parquinho Verde Realengo. Além disso, é significativo frisar que por se tratar de um espaço público e aberto, outras atividades podem acontecer no local, em horário que não tenha programação das organizações ou grupos sociais, sem a necessidade de articular uma parceria com os atores envolvidos na gestão do espaço residual. Inclusive, a presença de atividades frequentes no Parquinho Verde atraiu também um comércio informal ao local, são vendedores que montam suas lojas para vender bebidas, biscoito, cigarro, manutenção de veículos, etc.

Tudo o que foi explicitado até o momento sobre o panorama geral de determinados espaços residuais em Realengo, como os casos do Parquinho Verde Realengo e do Viaduto de Realengo, por exemplo, foram com a ideia de nos levar a um achegamento de certos espaços excluídos de qualquer diálogo, descrição, alusão ou representação própria sobre a dinâmicas dos espaços residuais. Sendo uma experiência para se chegar a uma compreensão acerca de pequenos pedaços de espaços que sobram do processo de produção espacial e adensamento populacional no bairro de Realengo. Tal procedimento abrange as relações sociais e produtivas que influenciam e moldam a forma como esses espaços são configurados. Isso inclui não apenas o espaço livre, mas também as dinâmicas sociais, econômicas e culturais que ocorrem dentro e ao redor desses espaços.

O que foi admissível compreender durante a pesquisa, é que os espaços residuais mencionados e que estão adjacentes à vazios urbanos, são espaços onde mesmo com poucos elementos utilizáveis são estimulados a experimentação. Assim, isso se deve aos modos de ocupação que são vistas nos espaços residuais de Realengo, sendo percebidos e experimentados, corroborando para a criação de um laço afetivos e com memórias.

Essa percepção foi alavancada com o auxílio das conversas informais e entrevistas com as pessoas que frequentam e ajudaram na ocupação desses espaços residuais. Estas pessoas foram indicadas por moradores que eu pude conhecer e, que,

mesmo sem haver nenhuma exigência, sugeriram os residentes mais antigos, os quais também recomendaram outras pessoas pudessem ser entrevistadas. Houve ainda entrevistados encontrados a partir de um olhar interrogador deles diante de meu comportamento no Parquinho Verde Realengo, e, com isso, esclarecia o que eu estava fazendo e iniciava uma conversa. Isso tudo ajudou a identificar os movimentos de ocupação e as dinâmicas do local

Nesse sentido, torna-se importante discutir sobre a utilização e como são percebidos os espaços residuais no bairro de Realengo. Sendo importante destacar que, embora muitos desses espaços não tenham um destino específico e permaneçam sem uso regular, algumas partes deles são apropriadas de maneira privativa. Pois, podem ter algumas partes desses espaços transformadas em ferro-velho, estacionamentos, bares, barracas de lanche e bebida, varais, etc. Essas adaptações acabam por compor o cenário dos espaços residuais e se tornam parte do patrimônio dos moradores e do bairro.

A ideia central é que esses espaços residuais, apesar de inicialmente não terem sido projetados para um uso específico, possuem um grande potencial de uso que pode ser explorado pelos moradores, frequentadores e passantes dos locais. Isso evidencia a questão de que a apropriação foi possível, dentre inúmeros motivos, porque o além de haver um projeto específico inicialmente o espaço pode ser apropriado de diferentes maneiras.

Portanto, entende-se que, embora esses espaços sejam considerados resíduos em uma concepção inicial, na prática espacial e na representação do espaço pelos moradores, eles não podem ser qualificados da mesma forma. Eles acabam sendo valorizados e utilizados de maneira significativa, mesmo que não tenham sido originalmente planejados para isso.

Para Sampaio (2013) “os espaços residuais são elementos excluídos do processo de projeção e de planejamento, ou seja, da representação do espaço, e, sendo materializados na cidade, podem ser absorvidos ou não pela dinâmica urbana. Sendo absorvidos, isso significa que estes espaços são percebidos e vividos, isto é, são produzidas práticas espaciais e espaços de representação, e, neste caso, reverte-se o caráter residual destes espaços” (Sampaio, 2013, p.7). Para a autora a absorção dos espaços residuais pode acarretar numa maior apropriação desses espaços, tornando-os mais inclusos e habitáveis, o que é visto no caso do Parquinho Verde Realengo.

As dinâmicas que ocorrem nesses espaços são relevantes para a manutenção e apropriação dos espaços residuais. A presença de espaços livre públicos, seus usos e apropriações persistentes e elementos, como horta comunitário (Parquinho Verde) e grafites (Viaduto de realengo) contribuem para uma sensação de continuidade e residualidade, mesmo diante das mudanças e diversidade de usos. Essas interações presentes nesses locais, criam paisagens urbanas e dinâmicas únicas, onde os modos de ocupação e resistência desses espaços residuais ficam evidentes.

De acordo com Balbi (2017) “na medida em que a residualidade supõe o uso, o reuso e o desuso de alguma coisa, ela pode ser pensada como um tipo de inoperosidade, mais do que uma potência. O uso, de acordo com Agamben (2017:117), “é constitutivamente uma prática inoperosa” (Balbi, 2017, p.137); em outras palavras, “o uso é um princípio interno à potência, que impede que está se esgote simplesmente no ato e a impele a voltar-se para si mesma, tornar-se potência da potência” (Agamben, 2017, p.117 apud Balbi, 2017, p.137). É possível concordar com o autor, uma vez que os espaços residuais são lugares com enorme potencial a ser explorado pela população.

Santana (2017) ao refletir sobre os espaços residuais relata que “A condição particular dos espaços residuais – sua negligência enquanto área pública própria para o uso – gera condições ambíguas nessas regiões. Muitas vezes, representam apenas espaços ociosos de sociabilidade, locais de passagem, inseridas no fluxo urbano, mas desprovidas de um reconhecimento enquanto espaço público – aquele palco para o desdobramento comunitário. Outras vezes, é nesses locais que a faixa de população mais carente, como moradores em situação de rua, pode encontrar um abrigo”

(Santana, 2017, p.23).

É interessante observar como as pessoas interagem e se apropriam nos espaços urbanos que podem ser considerados residuais, ou seja, áreas que não são necessariamente destinadas a uma função específica, mas que acabam sendo utilizadas de maneiras diversas pela comunidade. O Parquinho Verde Realengo é um exemplo fascinante disso. Esse espaço, que muitas vezes foi visto como um espaço marginal no bairro, se tornou um local de expressão e resistência para grupos marginalizados. Concomitante a isso articulação de diversos setores, em conjunto com diversos agentes, movimentos sociais e mobilização de moradores, por exemplo, propiciaram diversos usos e apropriações desse local e contribuíram para reivindicar direitos civis ou chamar a atenção para questões importantes. O que ajudou eles transformam esses espaços considerado esquecido em palcos para suas mensagens e demandas e dos moradores também.

O ato de experimentar o espaço residual, como o caso do Parquinho Verde Realengo, move e transforma o significado desse espaço, já que que desencadeia um outro modo de compreendê-lo e apropriá-lo. Desse modo, a atitude de apropriar-se desse espaço residual, seja através de instalações, performances ou outras formas de intervenção, é de suma importância para essa prática de ocupação e ressignificação do espaço público. Ao transformarem o espaço residual negligenciado, os moradores e ativistas urbanos convidam o público a experimentar esse local de maneiras novas e inesperadas, muitas vezes provocando reflexões sobre questões sociais, políticas e ambientais, como ocorrência esporádica de palestras socioambientais, por exemplo.

5. RESULTADOS

Para consolidar os resultados acerca do espaço residual do Parquinho Verde Realengo, foi importante compreender a disposição dos espaços livres na cidade do Rio de Janeiro. O mapa a seguir de sistemas de espaços livres no Rio de Janeiro (Fig.36), foi fundamental para a compreensão e identificação das áreas dos espaços livres ou espaços culturais e, certamente ofereceu uma valiosa ferramenta para analisar e destacar as disparidades na oferta de espaços de lazer na zona oeste do Rio de Janeiro, especialmente em bairros como Realengo. A disposição desses espaços e a quantidade de áreas dos locais livres públicos mapeados puderam fornecer uma representação visual poderosa das desigualdades existentes.

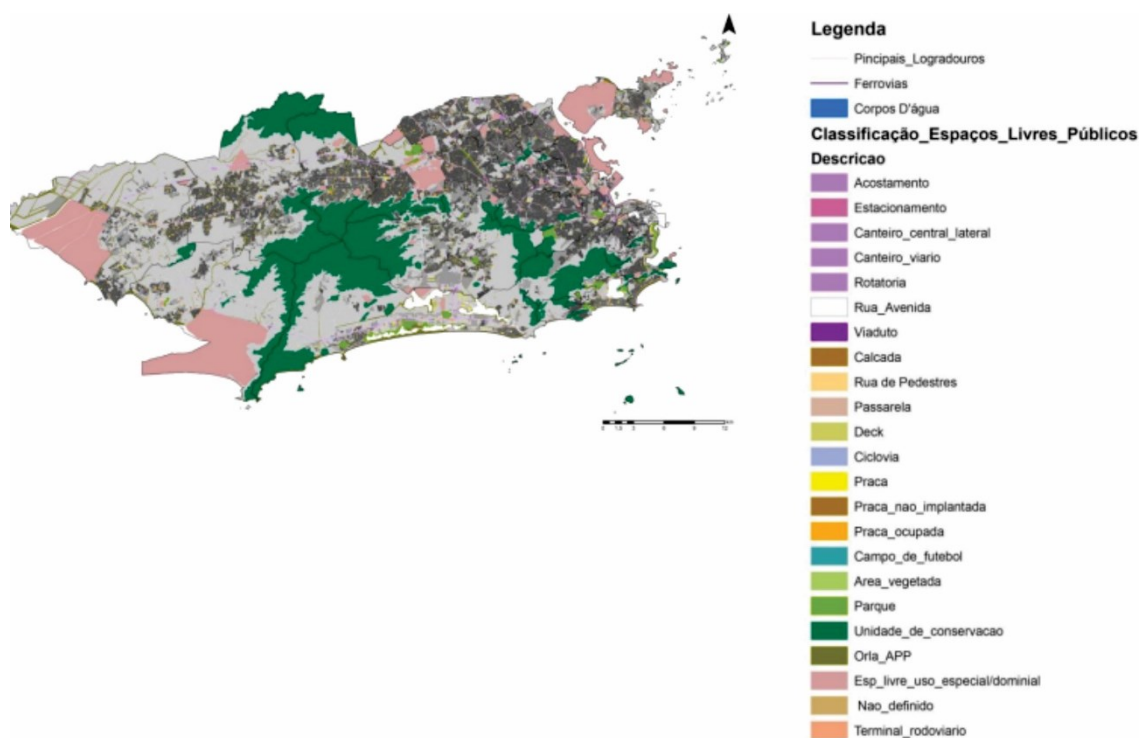


Figura 38: Sistemas de Espaços Livres: Município do Rio de Janeiro.

Fonte: <https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/6438610/4222234/76SistemadeEspacosLivresdoRiodeJaneiro.pdf>

Ao examinar o mapa, é possível identificar padrões de distribuição desigual de espaços de lazer e culturais. Por exemplo, áreas com uma oferta menor de espaços livres ou culturais indicam uma carência de recursos e investimentos em comunidades ou regiões ocupadas pela população. Isso pode reforçar a narrativa das disparidades socioeconômicas e de acesso a serviços e oportunidades de lazer.

A relação entre os espaços livres e residuais e a densidade urbana em Realengo, é de suma importância para entender a dinâmica de ocupação desses locais e seu reconhecimento dentro do contexto urbano. A falta de incentivo do poder público nesse aspecto tem consequências significativas, principalmente no que diz respeito ao planejamento urbano do bairro. Além disso, a ausência de espaços de lazer e convivência adequados são apenas algumas das manifestações dessa ineficiência na relação entre espaços residuais, densidade urbana e planejamento municipal. A expansão desordenada e o descontrole em relação aos espaços residuais, também são problemas adicionais que resultam dessa falta de planejamento.

Nesse sentido, com base nas análises das tabelas a seguir (Tabela 1 e 2) é possível perceber, que o bairro de Realengo que está situado na AP5 (Área de Planejamento 5) tem uma área total de 2.773,89 hectares, dos quais apenas 46,22 hectares são espaços livres públicos, representando 1,8% da área total do território. Isso pressupõe que a maioria da área do bairro está ocupada por outros fins, como residências, comércios, indústrias ou infraestrutura, por exemplo.

TABELA GERAL – SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES

2733,89 ha

Tabela 1: Tabela de Espaços Livres – Realengo, Rio de Janeiro
Fonte: Grupo SEL-RJ, 2016, com modificações do autor.

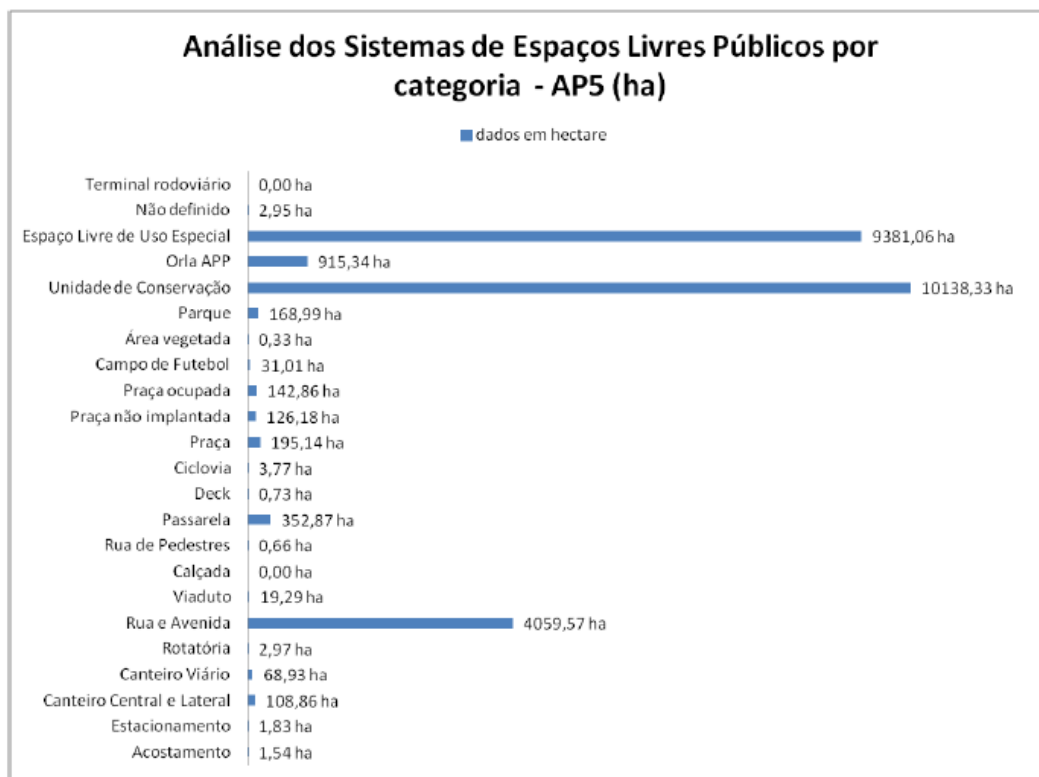


Tabela 2: Tabela de Espaços Livres Rio de Janeiro.
Fonte: Grupo SEL-RJ, 2016.

O fato de que apenas 1,8% da área total, o que inclui os espaços residuais, é

composta por espaços livres públicos, indica uma escassez de áreas verdes ou espaços abertos públicos no bairro de Realengo. Isso pode ter várias implicações, incluindo uma qualidade de vida potencialmente reduzida para os residentes, menor acesso a áreas de lazer e recreação, e possíveis problemas ambientais, como a falta de áreas verdes para absorver poluentes e promover a biodiversidade.

Além disso, se o bairro possui um grande adensamento populacional em relação à sua área total, isso pode significar que há uma alta densidade de pessoas vivendo em uma área relativamente pequena, o que pode levar a problemas como congestionamento, falta de espaço e pressão sobre os serviços públicos. Nessa perspectiva, o exemplo do Parquinho Verde Realengo ilustra bem essa situação. Quando os espaços residuais não são adequadamente gerenciados ou valorizados, podem ser ocupados de forma irregular ou até mesmo negligenciados, o que prejudica a qualidade de vida dos moradores e contribui para uma sensação de desordem no ambiente urbano.

Nesse contexto, analisando o contexto no qual está inserido o bairro de Realengo, é possível observar uma falta de investimento nos espaços públicos livres (incluindo os espaços residuais) em Realengo. A análise sugere que há uma falta de investimento geral nos espaços públicos do bairro, algo que já foi discutido ao longo do trabalho.

Ainda nessa perspectiva, notou-se também uma situação em que o bairro de Realengo, originalmente um bairro com unidades residenciais, apresenta uma série de desafios em termos de ocupação e infraestrutura dos espaços residuais. A presença de lotes e glebas subutilizadas ou ocupadas precariamente sugere uma questão de falta de planejamento urbano e gestão do espaço urbano no bairro. Além disso, a falta de infraestrutura básica, como fornecimento de equipamentos de lazer, iluminação, asfalto, coleta de lixo e calçamento, indica uma deficiência significativa no desenvolvimento urbano em Realengo. Um problema real de disparidade de investimento e infraestrutura em diferentes áreas de Realengo. É triste ver como o abandono do planejamento urbano pode afetar negativamente comunidades inteiras. Quando os governantes não priorizam o investimento em espaços residuais, essas áreas podem se tornar negligenciadas e, eventualmente, cair em desuso ou se deteriorar.

A falta de investimento em infraestrutura nas áreas periféricas, foi um fator de grande relevância para a compreensão e análise dos espaços residuais em Realengo. Essa situação, pode levar a diversos problemas, como degradação urbana, aumento da insegurança e baixa qualidade de vida para os residentes. Tal disparidade pode refletir desigualdades socioeconômicas e políticas que precisam ser abordadas para promover um desenvolvimento mais equitativo e sustentável. Esses problemas mencionados anteriormente que são perceptíveis nos espaços residuais de Realengo, impactam diretamente a qualidade de vida dos moradores locais e dificulta o desenvolvimento socioeconômico da área. Além disso, torna-se importante salientar a questão das elevadas temperaturas no bairro, o que corrobora para as ilhas de calor devido às poucas áreas livres.

A negligência com os espaços livres e especialmente os espaços residuais em Realengo e a especulação imobiliária podem ter consequências sérias, não apenas em termos de retenção de terras, mas também em relação à qualidade de vida das pessoas que vivem e usam nessas áreas. Quando esses espaços são deixados abandonados ou malcuidados, podem se tornar ambientes pouco habitáveis, afetando especialmente os moradores de baixa renda e outros cidadãos que frequentam

Com os dados produzidos no estudo, pode-se inferir que as limitações de acesso a espaços de lazer para os menos favorecidos em determinadas áreas, como Realengo, propiciam a ocupação de espaços residuais com pouca ou nenhuma infraestrutura de qualidade, como é o caso do Parquinho Verde Realengo. É evidente, que os moradores do bairro enfrentam desafios significativos quando se trata de acesso a infraestrutura de qualidade e espaços de lazer adequados. A falta de investimento nessas áreas resulta em uma distribuição desigual de recursos e oportunidades.

A dificuldade de acesso a espaços de lazer locais, em especial no bairro de Realengo, pode levar as pessoas a buscarem opções mais distantes, como o Parque de Madureira e a Praça Guilherme da Silveira em Bangu. No entanto, mesmo esses destinos alternativos apresentam desafios, como questões financeiras e de transporte. Além disso, a segurança durante o deslocamento também é uma preocupação válida.

Nessa perspectiva, cabe também ressaltar que a relação entre o uso e apropriação e a pouca oferta de espaços livres, aliados à gestão e a utilização de espaços residuais são aspectos cruciais para o desenvolvimento urbano sustentável no bairro de Realengo. Quando esses espaços são deixados subutilizados ou negligenciados, podem resultar em consequências negativas para a comunidade e o ambiente. Dessa maneira, é importante que a administração pública desempenhe um papel vital na promoção de uma abordagem eficiente e eficaz para lidar com esses espaços.

Ao considerar a relação entre o uso e apropriação do espaço residual do Parquinho Verde e sua oferta, é importante adotar uma abordagem holística que leve em conta não apenas a necessidade de maximizar o uso desse espaço, mas também garantir que seu desenvolvimento seja sustentável e beneficie a comunidade como um todo. Isso implica em envolver os residentes, planejadores urbanos, arquitetos e outros apoiadores para garantir que o espaço residual seja utilizado de maneira que promova a coesão social, a segurança, a saúde e a qualidade de vida dos moradores.

Todavia, a ineficiência nessa relação pode resultar em uma série de problemas, como o desperdício de recursos, a degradação ambiental, a fragmentação da comunidade e o aumento da criminalidade. Portanto, é crucial que a administração pública e o planejamento do bairro se concentrem na busca da eficiência dessa relação, adotando estratégias que incentivem o uso criativo e adaptativo desse e dos outros espaços residuais presentes no bairro, bem como a implementação de políticas que promovam a equidade no acesso e na distribuição desses recursos.

Além disso, é importante reconhecer que a qualidade de vida da população está intrinsecamente ligada à forma como os espaços residuais são geridos e utilizados. Um planejamento urbano que prioriza a criação de espaços verdes, áreas de lazer, espaços comunitários e oportunidades de interação social pode contribuir significativamente para melhorar a qualidade de vida e o bem-estar dos residentes de um bairro.

Para abordar essas questões de forma eficaz, é essencial que haja um investimento significativo em infraestrutura local, incluindo transporte acessível e seguro, além da criação e manutenção de espaços de lazer dentro das próprias comunidades. Isso não apenas melhora a qualidade de vida dos residentes, mas também promove a coesão social e o bem-estar geral da comunidade.

Esse estudo destaca uma importante dinâmica de engajamento comunitário e articulação política que resultou na transformação do espaço residual do Parquinho Verde Realengo no Parque Realengo Susana Napolini. É inspirador ver como os moradores e as organizações sociais conseguiram superar as dificuldades e alcançar seu objetivo de criar um espaço público de qualidade para a comunidade.

Ademais, é perceptível observando a escalas de urbanismo e da apropriação (Fig. 39), a mobilização dos atores locais responsáveis pela elaboração do Parquinho Verde, juntamente com a interação com a esfera política, foi fundamental para promover mudanças significativas em áreas urbanas subutilizadas ou marginalizadas no bairro. Esse caso específico do espaço residual do Parquinho Verde Realengo, demonstra como a ocupação e a reivindicação de espaços livres públicos podem desempenhar um papel crucial na busca pela função social dessas áreas.

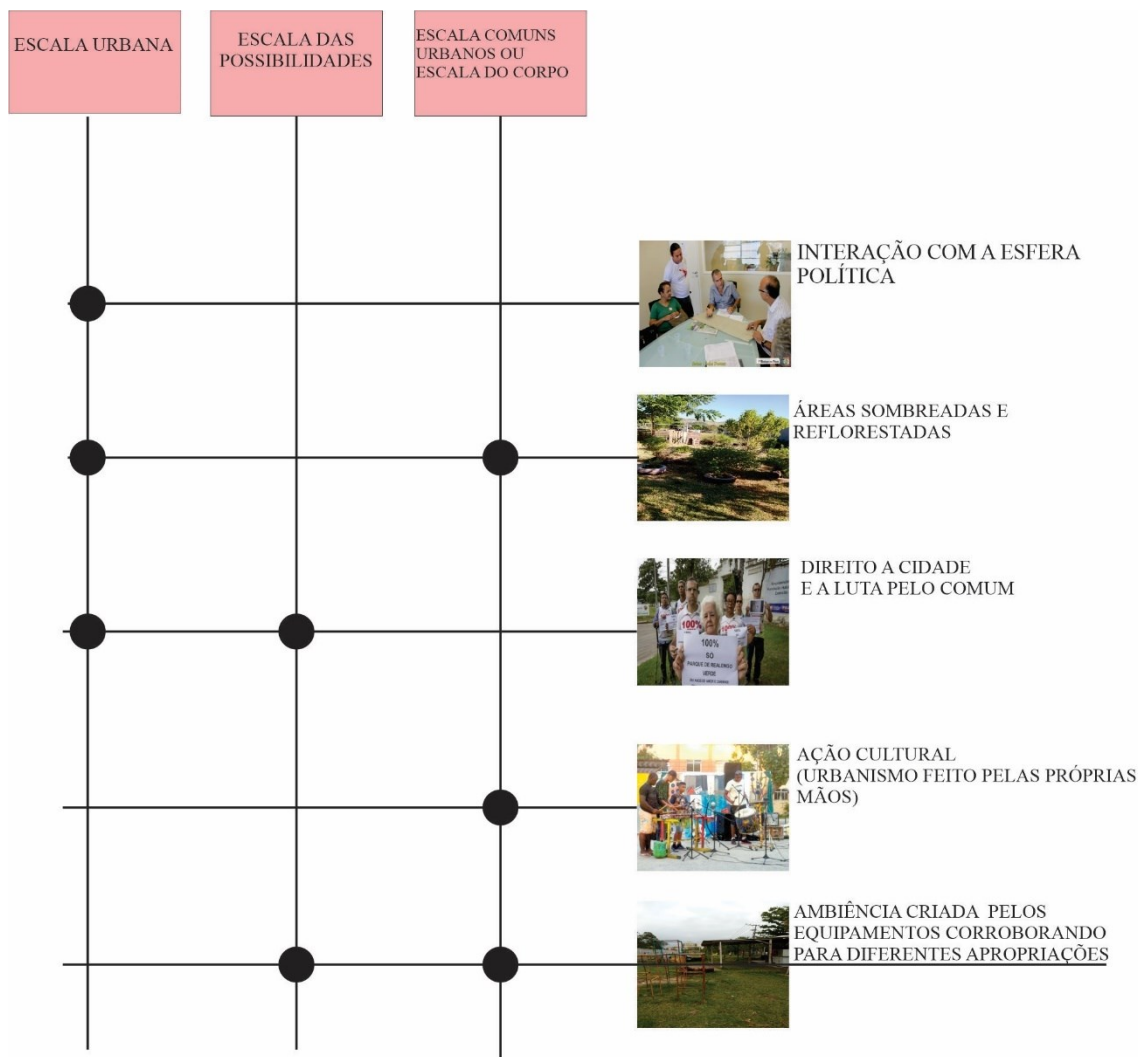


Figura 39: Elementos da apropriação no espaço residual do Parquinho Verde e suas escalas.
Fonte: Diagrama produzido pelo autor.

Diversas relações estabelecidas são observadas entre os cidadãos, os políticos e o espaço residual do Parquinho Verde Realengo. Além disso, é possível observar também o potencial de valorização do bairro através da implementação de um parque urbano, o que contribui para destacar a importância de investimentos no espaço livre público para o desenvolvimento sustentável da comunidade de Realengo. Essa conquista não apenas beneficia os residentes, mas também outros cidadãos de outras localidades além de, fortalecer o argumento em favor de políticas públicas voltadas para a revitalização de áreas subutilizadas em outras regiões.

Em termos gerais, esse caso exemplifica como a participação cívica e o envolvimento comunitário podem impulsionar mudanças positivas e inspirar a implementação de políticas públicas mais inclusivas e orientadas para o bem-estar da população. Ademais, o caso do espaço residual do Parquinho Verde Realengo não apenas superou obstáculos, mas também está buscando expandir seu impacto. A ideia de multiplicar essa iniciativa para outros espaços residuais na cidade mostra um compromisso genuíno com a cidadania ativa e a valorização dos espaços comunitários. Ao disseminar essa ideia, os responsáveis não apenas estão compartilhando uma experiência positiva, mas também estão encorajando outros produtores culturais e agentes políticos a reconhecerem o potencial desses espaços e a se engajarem na sua ocupação e revitalização. Esse movimento pode criar uma rede de espaços

comunitários vibrantes e contribuir significativamente para o bem-estar e a coesão social na cidade.

A discrepância na infraestrutura entre as áreas centrais e periféricas de Realengo é um fenômeno que é bastante comum em muitas cidades, refletindo desigualdades socioeconômicas e padrões históricos de desenvolvimento urbano. A área central, por ser mais desenvolvida economicamente e densamente povoada, geralmente é a que mais recebe investimentos em infraestrutura ao longo do tempo. Esses investimentos incluem serviços básicos como energia elétrica, asfalto, transporte público e coleta de lixo.

Por outro lado, as áreas periféricas do bairro, que podem ter não sido desenvolvidas como o centro de Realengo, notou-se que são negligenciadas em termos de investimentos em infraestrutura. Isso pode ser devido a uma série de fatores, incluindo falta de planejamento urbano adequado, restrições orçamentárias, falta de interesse político ou discriminação sistêmica. Além disso, a presença de espaços residuais não utilizados nessas áreas periféricas são resultados dessa disparidade na alocação de recursos. A ausência de infraestrutura básica, como equipamentos de lazer, pode afetar negativamente a qualidade de vida dos residentes locais, dificultando o acesso a serviços e contribuindo para um ambiente menos seguro e saudável.

Ademais, foi possível identificar com a pesquisa um problema relacionado à infraestrutura no espaço público de Realengo, mais especificamente o Parquinho Verde. Pois, foi percebida uma situação preocupante à medida em que um espaço destinado ao lazer e à recreação, por vezes, se torna inseguro devido à falta de manutenção e infraestrutura precária. Além, da baixa iluminação e falta de cuidado que também, podem contribuir para aumentar a sensação de insegurança dos moradores locais e de quem transita pela região.

A utilização do espaço residual do Parquinho Verde Realengo para a implantação de equipamentos de lazer, é um excelente exemplo de uso e apropriação do espaço residual. A análise desse espaço na pesquisa mostrou que a adesão a ocupação desse espaço não somente proporcionaria uma área de recreação para a comunidade local, como também ajudaria a preservar um espaço verde importante em meio ao ambiente urbano adensado e ocupado por construções. Além disso, outro fator importante observado é que ao evitar a expansão do perímetro urbano, percebe-se a contribuição para a conservação da área livre e reduzindo assim, os problemas associados ao crescimento desordenado do bairro. É uma maneira inteligente de usar os recursos disponíveis para o benefício de todos, especialmente para aqueles de baixa renda que podem não ter acesso fácil a outras formas de lazer.

Finalmente, concomitante a tudo que vem sendo explicitado em termos de resultados, é importante mencionar que durante a fase final desta pesquisa foi inaugurado o Parque Realengo Susana Napolini (Fig.40), o que possibilitou verificar algumas das premissas e questões discutidas nesta pesquisa.



Figura 40: Vista aérea do Parque Realengo.
Fonte: Prefeitura do Rio de Janeiro.

É importante salientar que, durante o processo de luta e reconhecimento desse espaço, as organizações sociais tiveram uma presença ativa e habilidade de articulação política, desempenhando um papel fundamental na promoção do uso e apropriação do Parquinho Verde. Isso resultou na atração de investimentos significativos, que positivamente alteraram a realidade local (Figuras 41, 42, 43). A ocupação Parquinho Verde demonstra como ações comunitárias e colaborativas podem transformar espaços urbanos e ambientais e motivar investimentos do Poder Público.



Figura 41: Espaço adjacente (Posteriormente chamando de Parquinho Verde Realengo) a Antiga Fábrica de Cartuchos
Fonte: Gabriel Migueis



Figura 42: Início da ocupação artístico-cultural Parquinho Verde, 2019.
Fonte: Gabriel Migués



Figura 43: Alteração após a ocupação do espaço residual do Parquinho Verde.
Fonte: Avante Parquinho Verde.

A iniciativa foi financiada por meio do Edital Bossa Nossa, além de contar com doações de várias pessoas, que contribuíram financeiramente para viabilizar as melhorias. Durante o processo de luta e reconhecimento desse espaço, as organizações sociais demonstraram uma presença ativa e habilidade de articulação política, desempenhando um papel fundamental na promoção do uso e apropriação do Parquinho Verde. Isso resultou na atração de investimentos significativos, que positivamente alteraram a realidade local. A ocupação Parquinho Verde demonstra

como ações comunitárias e colaborativas podem transformar espaços urbanos e ambientais e motivar investimentos do Poder Público. A iniciativa foi financiada por meio do Edital Bossa Nossa, além de contar com doações de várias pessoas, que contribuíram financeiramente para viabilizar as melhorias. O apoio de diferentes organizações também foi essencial para a execução do projeto, resultando na criação do Parquinho Verde Realengo, um espaço que promove integração, sustentabilidade e qualidade de vida para a comunidade.

Cabe também salientar que é crucial destacar o papel das redes sociais nesse processo de uso e apropriação do espaço residual do Parquinho Verde Realengo. A presença constante nessas plataformas foi uma ferramenta de grande relevância na divulgação da ocupação espaço residual do Parquinho Verde e na promoção de suas atividades de lazer e cultura. Isso culminou em uma grande adesão ao projeto de transformação social do espaço.

Além disso, as práticas de uso e apropriação do espaço residual aparecem como uma das alternativas à má distribuição de bens públicos básicos. Entretanto, não devem ser vistas como a única alternativa viável para as áreas de vulnerabilidade e estigmatizadas à margem da sociedade. É importante ressaltar que a existência ou o êxito dessas ações não desconsidera a necessidade de uma atuação mais presente do Estado nos espaços públicos, incluindo os espaços residuais.

O Parquinho Verde Realengo se tornou mais do que um espaço físico; ele passou a ser um ponto estratégico para ações comunitárias e para o fortalecimento das conexões sociais na região. A iniciativa de distribuição de cestas e acolhimento da população do entorno revelou as necessidades latentes da comunidade, incentivando os organizadores a desenvolverem ações sociais que vão além do parque em si. Essa experiência também destacou o valor de uma área pública construída e gerida de forma colaborativa, evidenciando como isso pode impactar positivamente o desenvolvimento local. A mobilização em torno do Parquinho Verde Realengo reflete uma sensibilidade para integrar as dimensões política, socioambiental e cultural das lutas da Zona Oeste, mostrando que esses esforços interconectados podem trazer melhorias tangíveis para a qualidade de vida da população.

Após bastante tempo de obras para implementação, o Parque Realengo Susana Napolini foi entregue para uso da população no dia 15 de junho de 2024. A implementação do Parque, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, é um marco significativo para os moradores da região. Após a inauguração, apesar de apenas 50% do espaço estar disponível para uso, o parque já se consolidou como um ponto de encontro e convivência para pessoas de todas as idades. Como um meio que integra lazer, cultura, esporte e sustentabilidade, o parque é um exemplo de como áreas verdes podem impactar positivamente a vida urbana.

A transformação dos espaços do Parquinho Verde realengo e de boa parte da Antiga Fábrica de Cartuchos no Parque Realengo Susana Napolini, foi de grande impacto. Os moradores celebram o espaço como uma vitória coletiva, resultado da luta e mobilização da comunidade local. Segundo relatos, o parque oferece muito mais do que lazer; ele representa uma mudança no cotidiano, promovendo qualidade de vida, promovendo a continuidade de trabalho dos comerciantes que ocupavam o antigo Parquinho Verde, o acesso facilitado a eventos culturais, tecnologia e educação, além de mitigar os efeitos do calor intenso característico da região. Isso também foi percebido nas visitas que fiz em loco e pude perceber que a população usa o Parque constantemente (Fig.44), com diversas atividades, sejam elas práticas esportivas, entre outras.



Figura 44: Vista das atividades de lazer no Parque Realengo Suzana Napolini.
Fontes: Acervo autoral, 2024.

O Parque Realengo Suzana Napolini ao meu ver parece estar proporcionando um espaço muito agradável para a comunidade. Além das atividades mencionadas, como caminhadas e momentos com amigos e família, o parque pode também ser um local para eventos culturais, atividades recreativas ou até mesmo oficinas ao ar livre (Fig. 45 e Fig. 46). Além disso, torna oportuno comentar que o parque reduz a necessidade de deslocamentos demorados e custosos até outros bairros para acesso a áreas verdes, consolidando o sentimento de pertencimento e orgulho entre os habitantes de Realengo. O Parque Susana Napolini é, assim, um símbolo de resistência e transformação comunitária, mostrando como a criação de espaços públicos bem planejados pode gerar impactos duradouros na sociedade.



Figura 45: Área de churrasqueiras e confraternização do parque.
Fontes: Acervo autoral, 2024.



Figura 46: Vista das torres do Parque Realengo Suzana Napolini.
Fontes: Acervo autoral, 2024

As articulações e mobilizações para a implementação do Parque, destacaram a relevância da movimentação social e do engajamento da sociedade civil na construção de políticas públicas, destacando a conquista do Parque Realengo Susana Napolini

como um exemplo bem-sucedido dessa articulação. A experiência de acompanhar e participar ativamente em todas as etapas de formulação, implementação e monitoramento da política pública fortaleceu os moradores e organizações locais, como a Agenda Realengo 2030 e a Casa Fluminense, que desempenharam papéis fundamentais na conquista.

Por tudo isso, o sucesso do projeto demonstra o impacto positivo da ação coletiva em áreas periféricas e reforça a importância de unir forças para alcançar políticas mais inclusivas e eficazes. Além disso, serve de inspiração para outras comunidades, promovendo valores de democracia, sustentabilidade e saúde urbana alinhados com os ideais de desenvolvimento sustentável. Essa conquista é, sem dúvida, um marco para a construção de uma cidade mais equitativa e resiliente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso adotado nesta pesquisa representa apenas uma entre várias possibilidades. Buscou-se aqui abordar a concepção da residualidade do espaço, com ênfase no Parquinho Verde Realengo. Foram observadas a materialidade desse ambiente, suas formas de apropriação e usos, e a interação da população local com o espaço analisado. Também foram investigadas as relações simbólicas e representativas presentes nas dinâmicas de uso e apropriação do espaço estudado, assim como as relações interpessoais dos habitantes.

A pesquisa permitiu constatar a relevância do espaço residual urbano e o potencial para contribuir na melhora das condições ambientais, infraestruturais e de vida dos cidadãos, especialmente em áreas de elevada vulnerabilidade socio espacial. Pois, quando lidamos com sistemas de espaços complexos, especialmente em contextos em que diferentes interesses coexistem e se influenciam mutuamente, o espaço residual pode ser problemático por um lado, quando este não é apropriado positivamente, no entanto, dependendo do contexto, este pode oferecer oportunidades de reconfiguração do espaço urbano em termos de uso e apropriação coletiva.

Além disso, é importante pensar os espaços livres de forma dinâmica que desafiam a ideia de identidade fixa dos espaços livres, inclusive os espaços residuais. Pois, os espaços livres e residuais podem representar uma gama de oportunidades de se repensar os espaços que por vezes, são negligenciados ou abandonados, em lugares que possam melhorar a qualidade de vida das pessoas e das cidades. No caso do Parquinho Verde de Realengo temos um caso em que é possível verificar aquilo que vem sendo explicitado até aqui. Reconhecer a instabilidade do espaço residual do Parquinho Verde Realengo, como uma constante e entender que a estabilidade e a apropriação fazem parte de uma busca incessante por reivindicação de espaço de lazer, cultura e que melhorar diversos aspectos, como sociais, infraestruturais, entre outros. Essas dinâmicas são cruciais para compreender as relações existentes nesse local. Portanto, dessa maneira, isso me levou a adotar uma abordagem mais flexível e aberta à compreensão das dinâmicas sociais existentes, permitindo-me apreciar a complexidade e a diversidade que caracterizam a residualidade espacial presente.

Nessa circunstância, é importante compreender que os espaços residuais incluindo o Parquinho Verde Realengo, muitas vezes negligenciados ou subutilizados, podem ser incrivelmente resistentes e reveladores da dinâmica urbana. Os espaços residuais desafiam a noção tradicional de uma cidade dividida rigidamente entre centro e periferia, mostrando como esses limites são permeáveis e fluidos, tanto geograficamente quanto culturalmente. Esses espaços muitas vezes refletem a participação coletiva na construção da cidade, seja através de iniciativas comunitárias, intervenções artísticas ou simplesmente pela presença e atividades dos moradores locais. Ao destacar esses espaços e reconhecer sua importância, podemos redefinir nossa compreensão da cidade e promover uma abordagem mais inclusiva e holística

do desenvolvimento urbano.

Nesse sentido, compreender e valorizar as dinâmicas e estratégias de apropriação do espaço residual do Parquinho Verde Realengo foi crucial para uma análise mais completa e inclusiva da ocupação urbana. Esse espaço muitas vezes é deixado de lado ou subutilizado, mesmo assim é frequentemente transformado em local de interação social, recreação e expressão cultural por parte de grupos marginalizados ou carentes de espaços de qualidade.

A dinâmica de uso e percepção do vazio urbano da antiga Fábrica de Cartuchos contrasta com a do espaço residual do Parquinho Verde Realengo. Esta diferença é importante para melhor compreensão das dinâmicas que ocorrem nesses locais. Mesmo que na área da fábrica os espaços sejam ignorados e não frequentados por falta de articulação e apropriação, outros, como o parquinho, mostram que, mesmo com baixo investimento financeiro, é possível transformar áreas através de mobilização e bom direcionamento das ações comunitárias. Essa transformação depende, portanto, de como as forças sociais e políticas se organizam em torno do espaço, promovendo sua valorização e ativação.

Ao reconhecer a efemeridade dessas formas de organização e a constante mobilidade dos agentes envolvidos no espaço residual do Parquinho Verde Realengo, podemos enxergar a importância de incluir as vozes e experiências dos cidadãos que habitam esse espaço na análise urbana. Eles não apenas utilizam esse espaço de forma criativa, mas também os transformam, adaptando-os às suas necessidades e desejos. Essa compreensão mais ampla das práticas de uso e apropriação dos espaços residuais permite uma nova percepção espacial, que reconhece a diversidade de usos e significados atribuídos a esses lugares. Além disso, ao incorporar essas perspectivas, podemos desenvolver políticas urbanas mais inclusivas e sensíveis às necessidades das comunidades locais, promovendo assim uma cidade mais justa e acessível para todos.

Quando os espaços urbanos são negligenciados, o direito à cidade é comprometido para aqueles que vivem e frequentam essas áreas. A falta de intervenção em espaços residuais, como parques, praças ou ruas, não apenas reduz a qualidade de vida dos residentes, mas também limita suas oportunidades de lazer, recreação e interação social. Além disso, a negligência desses espaços pode contribuir para a degradação ambiental e para o aumento da sensação de insegurança na comunidade.

No caso específico de Realengo e bairros adjacentes, onde o Parquinho Verde e o terreno da Antiga Fábrica de Cartuchos estão sendo negligenciados há anos, os moradores e frequentadores enfrentam obstáculos significativos para acessar e desfrutar desses locais, além dos poucos lugares de lazer. Esses espaços podem representar importantes recursos para a comunidade, oferecendo áreas verdes para recreação, espaços para atividades culturais e oportunidades de desenvolvimento econômico local.

É importante destacar, a ocupação da Fábrica de Cartuchos e do Parquinho Verde como exemplos indicativos de luta por espaços livres e lazer no bairro de Realengo. Essa mobilização surge em resposta à escassez de áreas verdes e ao avanço da urbanização em detrimento a espaços de lazer e cultura em Realengo, refletindo um desejo de melhor qualidade de vida e preservação ambiental. Além disso, aponta que a gestão pública pode vir a desempenhar um papel importante, influenciando diretamente a disponibilidade de espaços que promovam lazer, cultura e qualidade de vida. Assim sendo, é essencial que as autoridades locais reconheçam a importância desses locais e implementem medidas para sua requalificação e revitalização. Isso não apenas beneficiaria os residentes e frequentadores imediatos, mas também contribuiria para promover uma cidade mais inclusiva, vibrante e sustentável para todos. O envolvimento da comunidade no processo de planejamento e tomada de decisões é fundamental para garantir que as intervenções realizadas atendam às verdadeiras necessidades e desejos dos moradores locais.

Ao invés de simplesmente ignorar ou tentar eliminar essas ocupações, é

essencial reconhecer sua importância na construção de uma cidade mais inclusiva e dinâmica. Compreender como esses espaços são recodificados e reinterpretados pelas comunidades, pode fornecer percepções valiosas acerca dos espaços residuais e para o planejamento urbano futuro, visando a criação de ambientes mais acessíveis e adaptáveis às necessidades das pessoas que os habitam.

Em conformidade a isso, a intenção de se estudar e observar os espaços residuais, em especial o espaço residual do Parquinho Verde Realengo, foi levada adiante pela relevância desses espaços e no intuito de extrair ao extremo diversas características que os locais, por diversas vezes são julgados à meros espaços residuais, ociosos ou subutilizados para muitos que percorrem por eles corriqueiramente, têm a oferecer para uma nova visão de se experimentar os espaços residuais como agentes transformadores.

Torna-se oportuno ressaltar, que esses são alguns dos desafios enfrentados pelo Ponto de Cultura Lata Doida e pelos moradores onde encontra-se o Parquinho Verde Realengo, destacando-se a importância do reconhecimento e apoio às iniciativas comunitárias, bem como a necessidade de políticas públicas mais inclusivas e sensíveis às necessidades das comunidades marginalizadas, sendo vozes unidas contra o descaso no local. Desse modo é fundamental observar também, que a mobilização no espaço residual do Parquinho Verde Realengo, não apenas visa a transformação física do espaço, mas também traz consigo a possibilidade de promover mudanças socioambientais significativas a longo prazo. A luta por espaço de qualidade, aliada ao desejo de um parque urbano bem planejado, no local onde se encontra o Parquinho Verde Realengo, pode não só oferecer áreas verdes para recreação e lazer, mas também contribuir para a preservação da biodiversidade, a melhoria da qualidade do ar e a promoção de estilos de vida mais saudáveis. Além disso, com o envolvimento de diversos setores da sociedade, essa iniciativa demonstra o poder da colaboração e da participação cidadã na construção de cidades mais inclusivas, sustentáveis e vibrantes.

Concomitante a isso, as análises dos processos de identificação e mapeamento das práticas insurgentes no espaço residual do Parquinho Verde Realengo revelou predominantemente a natureza de “ações de resistência”. Isso ressalta a importância da mobilização dos cidadãos na utilização e apropriação desse espaço subutilizado. Comparado a outros espaços similares em Realengo, observou-se uma disparidade nos investimentos, sendo o espaço residual menos favorecido nesse aspecto.

Assim sendo, constatou-se neste estudo que espaços residuais não são apenas uma falha ou erro administrativo do poder público, mas sim uma escolha consciente, seja por questões de projeto ou política pública. A falta de uma representação desses espaços pode ser interpretada como uma forma de permitir uma experiência mais flexível e aberta, ao invés de um domínio completo sobre o que será ocupado ou não.

Uma das alternativas para se ter espaços que melhorem a qualidade de vida, pode ser, por exemplo, a acessibilidade à elaboração da experiência e a capacidade de construir um espaço de representação, ou seja, a criação de espaços que possibilitem uma interação que, sem um controle rígido, favorecem a percepção do espaço por parte dos usuários. Essa mediação entre o espaço concebido (planejado) e o vívido (experienciado) é fundamental para que o ambiente seja plenamente composto e compreendido por àqueles que venham a intervir nele.

Pode-se inferir dos dados extraídos nesse contexto, que o bairro de Realengo enfrenta desafios relacionados à escassez de espaços livres e a um grande adensamento populacional, o que pode ter várias consequências para seus residentes e para a qualidade de vida geral na área de Realengo. O reconhecimento e registro das apropriações desses espaços são passos importantes para preservar a história e inspirar futuras gerações a continuar trabalhando em prol do uso positivo de espaços públicos. Nesse sentido, o fato de que algumas autoridades tiveram um novo olhar e mais cuidadoso com o espaço Parquinho Verde Realengo e o próprio bairro é um sinal encorajador de progresso, e espero que esse reconhecimento se estenda ainda mais, até mesmo para alcançar esferas acadêmicas e políticas, expandindo assim os debates

e contribuindo para uma maior conscientização sobre a importância dos espaços residuais e espaços livres públicos.

E por fim, essa experiência pessoal que tive foi muito significativa em se tratando de pesquisa e ativismo comunitário, especialmente em relação ao Parquinho Verde Realengo. É de grande importância ver como a imersão direta na pesquisa permitiu uma melhor compreensão e uma apreciação das conquistas que os moradores e idealizadores da ocupação desse espaço residual tiveram ao mobilizar e ocupar esse espaço, que também é de luta e resistência.

7. Referências bibliográficas:

Ali, P. C.; Jesus, L. A. N.; Ramos L. L. A. **Espaços livres de uso público no contexto da segurança urbana.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ac/a/PCky9dvzLSnprTfJKvmfrTp/#>. Acessado em 20 de dez. 2024.

BLOGSPOT. **Bairro de Realengo.** Disponível em: <https://bairroderealengo.blogspot.com/p/historia.html>>. Acessado em 20 de dez.2024.

BALBI, T. B. **A Vida, a Morte e Aquilo que Sobra: Os Espaços Residuais Como Elementos de uma Ecologia Comunicacional do Lugares da Cidade.** Doutorado em Comunicação e Semiótica. PUC-SP, 2017

BORDE, A. L. P. **Vazios Urbanos: Perspectivas Contemporâneas.** Tese de Doutorado em Urbanismo. UFRJ, 2006.

CHAHOUD, N.; STEDILE, O. **Arquitetura Sem Lugar: Espaços Residuais.** Disponível em: <<https://arquiteturascontemporaneas.wordpress.com/2016/05/25/arquitetura-sem-lugar-espacos-residuais/>>. Acessado em 18 de dez. 2024.

CLEMENTE, J. C. **Vazios Urbanos e Imóveis Subutilizados no Centro Histórico Tombado da Cidade de João Pessoa – PB.** Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana e Ambiental – Mestrado. 2012.

CORREIA, R. **O espaço urbano.** São Paulo: Editora Ática, 1989.

Dittmar, A. C. C. (2006). **Paisagem e morfologia de vazios urbanos: análise da transformação dos espaços residuais e remanescentes urbanos ferroviários em Curitiba – PR.** Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba

ESPÓSITO, F. **Espacios residuales entre la arquitectura y la infraestructura. El teleférico del Complejo do Alemão.** Revista Nacional da Colômbia. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/bitacora/article/view/86950/pdf>. Acessado em 18 de nov. 2024.

ESPÓSITO, F.; LINARES, F. **Residualidade e estigmatização Urbana. Observando seus efeitos no espaço habitado (Fase 2020).** Departamento de Arquitetura e Urbanismo, PUC-Rio. Pesquisa PIBIC, 2020.

FLUMINENSE, A. C. **Agenda Realengo 2030: Agenda de Desenvolvimento Local.** 1.

ed. Rio de Janeiro, 2022.

GALENDER, F. **Vazios urbanos e as tipologias do espaço livre urbano**, [s.l.; s.n.], 2012.

Macedo, S. S. Espaços Livres. Paisagem E Ambiente, 7, 15-56, 1995. Portal de Revistas da USP. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i7p15-56>>. Acessado em 20 de jan. 2025.

MAGNOLI, M. M. E. M. **Espaços livres e urbanização: uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana**. 1982. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MAGNOLI, M. M. E. M. **Espaços livres e urbanização: uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana**. 1982. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MONTEIRO, M. S. **Reocupação dos Vazios Urbanos Como Estratégia para Cidades (Mais) Sustentáveis: Um Olhar Sobre a Cidade do Rio de Janeiro**. Trabalho Aplicado apresentado à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2020.

NEVES, L. **Vazios Urbanos na Il RA, área central do Rio de Janeiro: identificação e possibilidades**. 1996. Dissertação (Mestrado em Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional) — Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PATRÍCIO, L. C. **A Vida na Serra**. Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Instituto de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, 2021.

PAUTA, Jornal Realengo Em. **Parque de Realengo Verde ou Residencial Realengo Verde?** Disponível em: <<https://realengoempauta.com.br/categoria/esporte/>>. Acessado em 30 de ago. 2023.

PETTERSEN, M. C. M. **De Espaço Residual a Comum Urbano: Ações Culturais Sob os Viadutos do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado. URFJ, 2021.

PORTAS, N. **Do Vazio ao Cheio**. In: **SMU. Vazios e o Planejamento das Cidades**. Caderno de Urbanismo nº 2, 2000.

RENNÓ, R. **Espaços Residuais: Análise dos dejetos como elementos comunicacionais**. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica. PUC-SP, 2022.

RIO, Prefeitura. **Prefeitura inaugura o Parque Realengo Jornalista Susana Napolini, na Zona Oeste**. Disponível em: <https://prefeitura.rio/parques-e-jardins/prefeitura-inaugura-o-parque-realengo-jornalista-susana-napolini-na-zona-oeste/>. Acessado em 23 de dez. 224.

RIO, M. **Queremos o Parque de Realengo Verde**. Disponível em: <>. <<https://www.parquerealengoverde.meurio.org.br/#block-13288>>. Acessado em 23 de dez. 2024.

ROSA, S. H. **Cultura Sob o Viaduto: O Espaço Cultural Viaduto de Realengo e Dimensões das Políticas Culturais no Rio de Janeiro**. Trabalho de Conclusão de Curso. IFRJ – Nilópolis – 2018.

SÁ C., RITA, A.; MESQUITA, L. B. **Espaços livres do Recife**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

SAMPAIO, S. S. **Espaços Residuais: Produção e Cotidiano**. XVI Enanpur. Espaço, Planejamento e Insurgências. Belo Horizonte, 2015.

SAMPAIO, S. S. **Grandezas do Ínfimo: Espaços Residuais em Salvador**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Bahia, 2013.

SANTOS, J. N. **Arquitetura da Hospitalidade: Acolhimento do habitante na fronteira entre edifício e cidade**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). PUC-Rio, 2021.

SANTANA, M. C. **Vislumbres no Vazio: Apropriações Artísticas em Espaços Residuais de Aracaju**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras – SE, 2017

SLIVNIK, A. **Lugares de Memória dos Trabalhadores #43: Conjunto Residencial do IAPI de Realengo, Rio de Janeiro (RJ)**. Disponível em: < <https://lehmt.org/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-43-conjunto-residencial-do-iapi-de-realengo-rio-de-janeiro-rj-andrej-slivnik/>>. Acessado em 27 de dez. de 2024.

SÓLA-MORALES, I. **Terrain Vague**. Editorial Gustavo Gili, SA. 1995

SOUZA, K. M. **A dinâmica dos espaços residuais na cidade contemporânea: O caso da Cidade Nova e arredores**. Dissertação Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal Fluminense – Rio de Janeiro, 2020.

TARDIN, R. **Espaços Livres: Sistema e Projeto Territorial**. Rio de Janeiro. Editora 7 Letras, 2008.

VICALVI, B. R. C. **Espaços Residuais no Entorno das Estações de Metro da Cidade de São Paulo: Um estudo comparado das Estações Santa Cruz e Eucaliptos da Linha 5 LILÁS**. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu. São Paulo, 2022.

VOGEL, A.; MELLO, M. A. S. **Quando a rua vira casa**. Eduff – Editora da Universidade Federal Fluminense, 2016.